



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**Roberta Magna Silva Siqueira**

**“BENDITO E LOUVADO SEJA”:** Percorrendo caminhos na  
construção de subjetividade das crianças cantadoras de benditos  
do Horto do Juazeiro

**CAMPINA GRANDE - PB**  
**2012**

**Roberta Magna Silva Siqueira**

**“BENDITO E LOUVADO SEJA”: Percorrendo caminhos na  
construção de subjetividade das crianças cantadoras de benditos  
do Horto do Juazeiro**

Trabalho de Conclusão de Curso Orientado (TCC) apresentado ao Departamento de Psicologia, da Universidade Estadual da Paraíba -UEPB como pré-requisito para obtenção do título de Formação e Licenciatura em Psicologia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Ms. Laércia Maria Bertulino de Medeiros

**CAMPINA GRANDE-PB  
2012**

S618b Siqueira, Roberta Magna Silva.  
“Bendito e louvado seja” [manuscrito]: percorrendo caminhos na construção de subjetividade das crianças cantadoras de bendito do Horto do Juazeiro. / Roberta Magna Silva Siqueira. – 2012.

72 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2012.

“Orientação: Prof. Me. Laércia Maria Bertulino de Medeiros, Departamento de Psicologia”.

1. Crianças cantadoras de bendito. 2. Cultura religiosa. 3. Educação. 4. Fenômenos de massa. I. Título.

21. ed. CDD 291.44

**Roberta Magna Silva Siqueira**

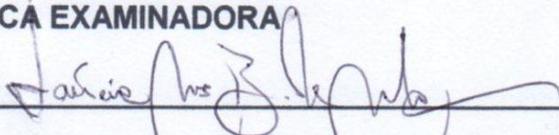
**“BENDITO E LOUVADO SEJA”: Percorrendo caminhos na construção de subjetividade das crianças cantadoras de benditos do Horto do Juazeiro.**

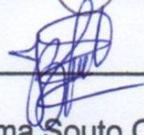
Trabalho de Conclusão de Curso Orientado (TCC) apresentado ao Departamento de Psicologia, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB como pré-requisito para obtenção do título de Formação e Licenciatura em Psicologia.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Ms. Laércia Maria Bertulino de Medeiros

Aprovada em: 10/04/2012

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup>. Ms. Laércia Maria Bertulino de Medeiros (Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Jailma Souto Oliveira da Silva (Membro 1)

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>ª</sup> Ms. Monilly Ramos Araújo Melo (Membro 2)

## **DEDICO...**

Ao meu avô Francisco (Seu Tico), que me ensinou sobre a vida e sobre o amor.

## **AGRADEÇO...**

À Força Espiritual Superior;

À minha família pelo apoio incondicional na minha caminhada na e para a vida;

À minha orientadora, Laércia Maria Bertulino de Medeiros (Lalinha), pela confiança, amizade e grandiosa colaboração, no desenvolvimento deste trabalho;

À todos os professores do Curso de Psicologia na socialização do conhecimento e no respeito ao humano;

Aos colegas de turma pelas valiosas contribuições, incentivo e disponibilidade;

Aos meus queridos amigos e cúmplices: Érica Lopes, Manuela Nóbrega, Juliana Lopes, Graciele Barros, Vanessa Cruz, Lucélia Andrade, Micheline Medeiros, Raquel Oliveira, Adelanía Moreira, Maria Helena Elpídio, Isabel Pessoa, Thúlio Arruda, Carolina Cavalcanti, José Andrade, Sidney do Monte Bento, Fiona Magna e João Cosmo de Brito.

As crianças e participantes da pesquisa pelas vozes, disposição, respeito e partilha no desenvolvimento deste trabalho;

A todos os funcionários que foram parceiros na caminhada do Curso de Psicologia;

Enfim, a todos os seres humanos que encontrei pelo caminho.

*Bendito e louvado seja  
As passadas dos romeiros  
Que vieram de tão longe  
Visitar o Juazeiro  
Juazeiro é terra santa  
Meu padim abençoou  
No Horto tem uma estátua  
Onde era o Pau Tambor  
Na primeira machadada  
Que deram no Pau Tambor  
A matriz da Mãe das Dores  
Sentiu uma grande dor  
Aquele pau foi plantado  
Por padre Ciço Romão  
Pros romeiros descansarem  
Nas horas de petição.*

*Bendito entoado pelas crianças cantadoras  
(Autoria desconhecida)*

## RESUMO

O presente estudo cujo título é: “**BENDITO E LOUVADO SEJA: Percorrendo caminhos na construção de subjetividade das crianças cantadoras de benditos do Horto do Juazeiro**” discute as relações existentes entre cultura, massificação, educação e subjetividade a partir da prática de cantar benditos e aspectos referentes a história de vida das crianças cantadoras . O objetivo da pesquisa foi investigar e analisar o contexto social e cultural das crianças cantadoras de benditos e como se dá a construção de subjetividade desses sujeitos. O *corpus* discursivo foi constituído a partir de uma pesquisa qualitativa, que teve a Análise de Discurso como técnica de interpretação, e como etapas da pesquisa a utilização de entrevistas semi-estruturadas e dados constituídos a partir de observações. O campo de investigação se deu na comunidade do Horto na cidade de Juazeiro do Norte – CE, e teve como sujeitos da pesquisa crianças cantadoras de benditos e uma secretária do projeto comunitário administrado pela igreja do Horto. Os resultados obtidos evidenciam reproduções oriundas da educação familiar e da cultura da região, sinalizando também uma questão de sobrevivência, que envolve a composição econômica e religiosa em que essas crianças estão inseridas.

**Palavras-chave:** Benditos, Massificação, Cultura, Educação, Subjetividade.

## ABSTRACT

The present study is titled: "**BLESSED AND PRAISE: Traversing paths in the construction of subjectivity of children singers holly songs (benditos) the Garden of Juazeiro**" discusses the relationship between culture, mass production, education and subjectivity from the practical aspects of singing and holly songs (benditos) relating the story of the lives of children singers. The objective of this research was to investigate and analyze the social and cultural context of children holly songs (benditos) the singers and how is the construction of subjectivity of these subjects. The discursive corpus was constructed from a qualitative study, which was discourse analysis as a technique of interpretation, and as steps in the research using semi-structured interviews and data from observations made . The field research took place in the community of Garden in the city of Juazeiro - CE, and had children as research subjects for singers holly songs (benditos) and a secretary of a community project run by the Church of Gethsemane. The results show reproductions coming from family education and culture of the region, indicating also a matter of survival, which involves economic and religious composition in which these children are located.

**Keywords:** Holly songs (benditos), Massification, Culture, Education, Subjectivity.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	14
2.1. FENÔMENOS DE MASSA, SUBJETIVIDADE E CULTURA EM FREUD ..	14
<b>2.1.1. Fenômenos de Massa</b> .....	14
<b>2.1.2. Subjetividade</b> .....	16
<b>2.1.3. Cultura: “educação para a realidade”</b> .....	18
2.2. CONSCIÊNCIA, MASSIFICAÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE .....	20
<b>2.2.1. Consciência</b> .....	20
<b>2.2.2. Massificação Cultural x Educação para a Liberdade</b> .....	22
2.3. DA FAMÍLIA E DA INFÂNCIA: HISTÓRIA SOCIAL .....	25
<b>2.3.1. A Família e a Criança na Idade Média</b> .....	26
<b>2.3.2. A Família e a Criança na Contemporaneidade</b> .....	29
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	33
3.1. TIPO DE PESQUISA .....	33
3.2. TÉCNICA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO .....	34
3.3. CAMPO DE INVESTIGAÇÃO E OS SUJEITOS DA PESQUISA .....	37
<b>3.3.1. Procedimentos para Coleta de Dados</b> .....	38
<b>3.3.2. Etapas da Pesquisa</b> .....	38
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	41
4.1. REGISTRO DO DISCURSO (RD) DAS CRIANÇAS CANTADORAS DE BENDITOS .....	41

4.2. REGISTRO DO DISCURSO (RD) DA SECRETÁRIA DO “PROJETO PREVENTIVO PELA EDUCAÇÃO” .....	48
<b>5. CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>62</b>
<b>APÊNDICES</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

No interior do Ceará, localiza-se a cidade de Juazeiro do Norte que se destaca por ser um polo de turismo religioso conhecido mundialmente graças à figura do Padre Cícero<sup>1</sup>, fundador de Juazeiro do Norte que, além de padroeiro do lugar, é santo protetor de fiéis de todo o Brasil. Alguns devotos são popularmente chamados de ‘romeiros’, que visitam em peregrinação a Colina do Horto<sup>2</sup>, local onde foi construído um monumento em sua homenagem para agradecer as ‘graças’ alcançadas e pedir-lhe ‘milagres’.

A história de fé em Juazeiro do Norte se confunde com a própria história de evolução da cidade, levando em conta que o povoado se desenvolveu sob os olhos da religiosidade, voltada principalmente para o padroeiro local,

“Santo de Juazeiro, Santo Pequeno, uma das pessoas da Santíssima Trindade, o meu padrinho Padre Cícero permanece uma constante psicológica dentro da dinâmica social do povo nordestino”. (CASCUDO, 2000, p.264).

Na Colina do Horto existe o Casarão que foi fundado em 1907 por Padre Cícero como local onde as beatas acolhiam os romeiros que se deslocavam para Juazeiro em busca de confissão, conselhos ou simplesmente uma palavra do ‘Padim’. Hoje esse casarão foi transformado em museu, ponto também muito visitado por quem vai ao Horto.

As peregrinações dos romeiros à Juazeiro do Norte acontecem particularmente nas datas em homenagem aos santos e datas significativas para quem visita a cidade, sendo as romarias maiores a de Nossa Senhora das Candeias (02 de Fevereiro), a de Nossa Senhora das Dores (15 de Setembro) e a de Finados (02 de Novembro).

Atualmente em dias santos e de festividades religiosas, práticas comuns na região, Juazeiro recebe de 200 a 300 mil romeiros, e o principal local de visita é a

---

<sup>1</sup> Nascido Cícero Romão Batista em 24 de março de 1844 também no estado do Ceará, mas na cidade de Crato, faleceu em 20 de julho de 1934 em Juazeiro do Norte, Ceará. Também conhecido como ‘Padim Ciço’ ordenou-se em 30 de novembro de 1870.

<sup>2</sup> A imagem de Padre Cícero tem 27 metros de altura e foi esculpida por Armando Lacerda e acompanhada pelo engenheiro Rômulo Ayres Montenegro, tendo sido inaugurada no dia 1º de novembro de 1969.

Colina do Horto, que está localizada há 3 km de distância do centro de Juazeiro do Norte e tem cerca de 550m de altitude.

Destaca-se então a fé como sendo a expressão maior da religiosidade manifestada pelas romarias e pela população que ali habita. E essa fé é também responsável por situações socioculturais específicas da região, dentre elas os **Benditos e as Crianças Cantadoras**.

O significado de bendito<sup>3</sup> como sendo bom, bondoso, abençoado, o que ecoa com a forma que os romeiros tratam e consideram o Padre Cícero, por ter sido escolhido por Deus, tornando-se abençoado. Já Cascudo (2000)<sup>4</sup> no elabora os benditos como sendo cânticos religiosos, que quando inseridos no universo católico, servem como acompanhamento em procissões, tendo como início da maioria desses cânticos a própria palavra 'bendito'.

Os benditos são transmitidos pelas famílias na ou passados de uma pessoa para outra numa forma de cadeia 'da fé' ou religiosa. No Brasil os benditos configuram-se como patrimônio cultural imaterial<sup>5</sup> e apontam que a sua linguagem revela os modos de vida de comunidades específicas. Os benditos expressam fortemente a regionalização e proporcionam uma identidade mantendo vivo o imaginário e a tradição partilhados por um conjunto de sujeitos de uma sociedade.

Em Juazeiro, os benditos, são entoados para os visitantes, em especial os que frequentam a Colina do Horto, local de maior concentração dos cantadores. Ali, esse fenômeno religioso pode ser estudado em vários aspectos, ressaltando as manifestações populares, como parte de um contexto social, histórico, religioso e político. A cultura popular da região revela aspectos curiosos sobre a relação que as pessoas mantêm com a sua própria história. As crianças cantadoras de benditos fazem parte dessa cultura popular. São crianças moradoras da Colina do Horto, que entoam músicas acerca da história do Padre Cícero e fatos religiosos da cidade durante as romarias, atrativo para os turistas que se encantam com a manifestação de fé. Porém, como forma de trabalho, as crianças cantadoras geralmente recebem em troca dinheiro, alimentos e brinquedos. Os benditos são reproduzidos dentro do ambiente familiar e comunitário, passando de pai para filhos, entre irmãos e entre

---

<sup>3</sup> HOLANDA, A. B. de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa, originalmente lançado em fins de 1975.

<sup>4</sup> Dicionário do Folclore Brasileiro (2000).

<sup>5</sup> CAVACALTI. M. L. V. de. FONSECA, M. C. L. Este documento foi produzido no âmbito da cooperação entre UNESCO e o Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (EDUCARTE), com o objetivo de desenvolver estudos sobre a prática dos governos estaduais brasileiros de aplicação da legislação brasileira relativa à salvaguarda do patrimônio imaterial no ano de 2007

amigos. Isso faz parte da memória coletiva<sup>6</sup> da comunidade (principalmente religiosa) e evidencia a necessidade de sobrevivência imediata, independente da noção de lugar ocupado enquanto sujeito do mundo e no mundo que cada uma dessas crianças tenha.

Nesse sentido, temos como objetivo geral investigar e analisar o contexto social e cultural das crianças cantadoras de benditos e como se dá a construção de subjetividade desses sujeitos no meio em que estão inseridos.

Esta pesquisa está dividida em cinco capítulos. A Introdução como primeiro momento apresenta o problema de pesquisa, os objetivos, as justificativas e relevância para a área de conhecimento da Psicologia e da Educação assim como para áreas de conhecimentos afins.

O segundo capítulo trata da fundamentação teórica nos aportamos prioritariamente em três teóricos Sigmund Freud, Paulo Freire e Àries, no referente aos fenômenos de massa, subjetividade e cultura, além de consciência, massificação cultural, educação e, por fim uma breve incursão sobre a família e a criança, respectivamente.

O terceiro capítulo é referente ao percurso metodológico, descreve o tipo de pesquisa, os procedimentos metodológicos desenvolvidos em cada fase do estudo, desde o local do estudo, constituição da amostra, instrumento utilizado, procedimento para coleta dos dados e procedimento de análise e tratamento dos dados. A opção teórico metodológica decorrente da própria natureza do objeto de estudo enfatiza aspectos qualitativos de caráter interpretativo e analítico, a partir da técnica de Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (1979).

O quarto capítulo que pode ser considerado o núcleo ou a parte mais específica do trabalho que são os resultados e discussão em que registra os conteúdos discursivos das crianças cantadoras de benditos e registro do discurso da uma representante oficial do “Projeto Preventivo de Educação” (PPE), no qual as crianças fazem parte. Em seguida, analisamos o conteúdo manifesto e subliminar das crianças e da secretária do PPE através de dados coletados das entrevistas que permitiu também como os outros itens, evidenciar indicadores das condições de produção do discurso que se afiliam aos sujeitos entrevistados.

---

<sup>6</sup> Maurice Halbwachs, no campo da sociologia, estabelecia o conceito de memória coletiva para se referir às determinações da consciência por quadros sociais que antecedem e tornam a sociedade possível.

Por fim, nas considerações do conteúdo discursivo que constituíram nosso *corpus*, constatamos que os locutores desses discursos falam de um lugar marcado por uma ideologia social massificada pelas instâncias de mercado, apresentando-se como porta vozes dos ideais capitalistas.

Parece-nos até o momento que a maioria dos discursos não se manifestou pelo seu caráter eminentemente neutro. Ao contrário, ficou evidenciada a dependência de um líder, caracterizando um fenômeno de massa onde existe o opressor e o oprimido.

Identificamos que as crianças constroem sua subjetividade não apenas e aportando a referências e saberes, mas também por adesão de um conjunto de valores, o que nos remete a acreditar na influência da massa no tocante a construção subjetiva desses sujeitos.

Entendemos que esta pesquisa está inscrita no entremeio de um discurso cuja complexidade atravessa a política, a psicologia, a educação, as necessidades e as determinações político-sociais na criação de ideologias e na legitimação de interesses no campo social, formando um estado de processo discursivo apoiado na história.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O argumento que fundamenta nossa pesquisa é a pretensão de investigar e analisar o contexto social, educacional e cultural em que as **Crianças Cantoras de Benditos** estão inseridas, verificar se há ou não massificação cultural nesse contexto e como se dá a construção de subjetividade dessas crianças.

Um espaço bastante fecundo em pesquisas de caráter histórico é a relação entre Educação e Psicanálise e para tal utilizamos como contribuição teórica neste estudo o pensamento de alguns autores, em especial, Sigmund Freud e Paulo Freire<sup>7</sup>, no intuito de estabelecer um diálogo entre os seus escritos, apontando convergências e divergências sobre subjetividade, massificação, cultura, educação e consciência observadas na realidade dessas crianças.

Pensar em construção de subjetividade é a priori entender como se dá a constituição subjetiva no ser humano. Para tanto, temos como princípio a constituição dessa subjetividade atrelada aos laços sociais e históricos dos quais fazem parte os atores dessa pesquisa.

Falar em massificação para uma sociedade extremamente egocêntrica, voltada à vivência de um amor-próprio, é algo minuciosamente difícil, principalmente no que concerne o campo individual. Nesse sentido, os fenômenos de massa, a subjetividade e a cultura são concepções que figuram de forma relevante para o entendimento e compreensão do ser humano.

### 2.1. Fenômenos de Massa, Subjetividade e Cultura em Freud

#### 2.1.1. Fenômenos de Massa

Por fenômenos de massa Freud (1995) entende como organizações passageiras que são criadas a partir de um desejo comum ou até mesmo de aspirações formadas por parte dos membros de uma comunidade ou sociedade.

<sup>7</sup> **Sigmund Freud (1856 - 1939)**: médico neurologista judeu-austriaco, fundador da Psicanálise. Suas ideias são frequentemente discutidas e analisadas como obras de literatura e cultura geral em adição ao contínuo debate ao redor delas no uso como tratamento científico e médico.

**Paulo Reglus Neves Freire (1921 - 1997)**: educador e escritor brasileiro, considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia mundial. Formou-se em Direito na Faculdade do Recife, mas largou a advocacia para trabalhar e pesquisar educação. Suas ideias são de grande importância nas discussões sobre educação, cultura, consciência e identidade numa perspectiva humanista e dialética.

Esses fenômenos justificam uma interação momentânea, valorizando o presente mesmo que para isso se evoque uma tradição. Neles podemos perceber atributos que referenciam a intensificação das emoções, a impulsividade e a volatilização das singularidades.

O indivíduo<sup>8</sup> massificado é extasiado e, na medida em que suas emoções são intensificadas é capaz de se entregar às mais diversas paixões, se tornando impulsivo, irrefutável e às vezes contraditório. É conduzido a se comportar como os demais membros do grupo, desvanecendo a sua singularidade e se entregando aos padrões que a massa estabelece.

Na tentativa de se sustentar socialmente o sujeito busca formas de laços que estabeleçam valores, costumes e regras. Nesse sentido vale a seguinte elucidação de Freud:

Uma massa impressiona um indivíduo como sendo um poder ilimitado e um perigo insuperável. Momentaneamente, ele substitui toda a sociedade humana, que é a detentora da autoridade, cujos castigos o indivíduo teme e em cujos benefícios se submeteu a tantas inibições. É-lhe claramente perigoso colocar-se em oposição a ela, e será mais seguro seguir o exemplo dos que o cercam, e talvez mesmo 'caçar com a matilha'. Em obediência à nova autoridade, pode colocar sua antiga 'consciência' fora de ação e entregar-se à tentação do prazer aumentado, que é certamente obtido com o afastamento das inibições. No todo, portanto, não é tão notável que vejamos um indivíduo numa massa fazendo ou aprovando coisas que teria evitado nas condições normais de vida. (FREUD, 1995, p. 95)

Dessa forma, Freud nos leva a pensar que esse poder remete indiscutivelmente a um 'afrouxamento' do mecanismo de recalque. É como se no sujeito a ideia de incoerência ou impossibilidade desaparecesse do seu cotidiano e o sentimento de onipotência preponderasse. Ao mesmo tempo, por mais que o indivíduo massificado deseje algo, esse desejo não é duradouro, o que proporciona a incapacidade de persistência em suas vontades.

Os que compõem a massa tendem a projetar de forma coletiva, em si mesmos e no líder, princípios de conduta implícitos em um ideal comum. Como exemplos de massa Freud utilizou a igreja e o exército, por apresentarem um grau

---

<sup>8</sup> Neste trabalho, **indivíduo, homem e sujeito** tem a mesma conotação, refere-se a **ser humano**.

de organização elevado. Nesse contexto, observa-se que o indivíduo massificado estabelece ligações de identificação movidas por um desejo grupal, envolvendo uma referência externa que o aproxima afetivamente do objeto.

A falta de liberdade do indivíduo massificado é outro fenômeno que compõe a sua conjuntura a partir do momento em que ele é despersonalizado, característica do narcisismo do homem moderno, e o líder ocupa o lugar de referência de autoridade. Quem massifica tem o poder e quem é massificado é tendencioso a mudar sua própria conduta e comportamento para que permaneça no grupo. Em outras palavras, as mudanças subjetivas na massa acontecem e permanecem ao longo do tempo devido aos laços que unem os membros do grupo uns aos outros, em que o sujeito abdica a sua singularidade e permite ser influenciado para estar em harmonia com os demais.

### **2.1.2. Subjetividade**

Responder a questões sobre noção de 'subjetividade' ou de 'identidade pessoal' é tarefa incômoda e perturbadora. De uma maneira paradoxal, a subjetividade é simultaneamente evidência e problema. Bastante tematizada, especialmente a partir da modernidade, tornou-se um conceito sobredeterminado. A pergunta pelo sujeito, pelo Eu, remete, de fato, a um conjunto de dificuldades que começam pela própria formulação da pergunta.

Ao longo da história social do homem o entendimento acerca de subjetividade e de sujeito tem passado por uma polissemia epistemológica causada por cada época e pelos campos de saberes. Se reconhecermos a dimensão filosófica que está implicada nessas reflexões, podemos observar que de um lado temos uma noção de sujeito que se assegura desde Freud<sup>9</sup>, no indivíduo que se estrutura por seu trajeto histórico singularizado pelo cotidiano, e por outro lado há de se pensar na subjetividade como uma produção que um determinado momento social e histórico proporciona.

---

<sup>9</sup> Freud trata desta questão em vários textos ao longo de sua obra, como por exemplo: "Totem e tabu" (1913[1912-13]); "Psicologia das massas e análise do eu" (1921); "O futuro de uma ilusão" (1927); "O mal-estar na civilização" (1930[1929]) e "Moisés e o monoteísmo" (1939[1934-38]).

Há então um sujeito que se estrutura a partir de um Outro, que é sempre externo e social, porém se instaura na sua conjuntura primordial e imediata pela via incondicional do cuidado, colocando em questão efeitos inconscientes e modos de subjetividade. Segundo Freud (apud MENDES, 2004, p.151):

O outro é imprescindível na constituição da subjetividade do sujeito, pois o homem é, dentre todos os animais, o mais dependente, o mais desamparado, portanto precisa do outro inclusive para sobreviver. A passagem do estado de natureza para o de cultura depende do outro. Esta fragilidade estrutural do sujeito marca a sua finitude. A imprevisibilidade e a falta de garantias para a eterna felicidade, tão almejada e ao mesmo tempo tão ameaçada, tanto pela ambiguidade das relações sociais quanto pelas catástrofes da própria natureza, instalam o mal-estar humano.

No entanto, há um confronto entre subjetividade e sujeito se pensarmos numa noção de subjetividade onde não se insira em seu contexto apenas a noção de um sujeito consciente e pleno em sua particularidade, mas um sujeito que refletia ser dono de suas vontades e desejos, discutido na teoria freudiana, agora se encontra como efeito de uma exterioridade que ao mesmo tempo lhe constitui.

De acordo com González-Rey (2003), a noção de subjetividade é um sistema complexo e plurideterminado, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem, dentro do contínuo movimento das redes de relação que caracterizam o desenvolvimento social. Neste movimento, produzem-se saberes acerca dos processos psíquicos, sistêmicos, dialógicos e dialéticos que reconhecem o ser humano como um indivíduo que, para o autor, tem uma capacidade de superar o imediato, dirigindo-se a realização de seus próprios projetos. Ressaltamos, nesta definição de subjetividade, a presença de uma noção que supõe a capacidade de mediar e de projetar-se num futuro através de um ideal, ou seja, um ser criativo, senhor do seu destino e com a possibilidade de se inventar e reinventar.

Numa tentativa de se aproximar o que seja subjetividade ao que seja sujeito, há de se pensar que um modo de existência concebe o modo de subjetivação. A singularidade que produz a relação de forças, levando em conta a formação histórica, é o que produz os sentidos coletivos e particulares. A diferença existente entre subjetividade e sujeito pressupõe-se que esteja na insistência não apenas acerca da singularidade no plano da afetividade, como também no próprio destino

que esteja por vir. São, portanto, processos subjetivos que são registrados na interioridade de cada sujeito através do que é posto pela hegemonia de expressões sociais. Desse modo,

[...] a subjetividade não é imanente ao indivíduo, mas vai se constituir a partir do intercruzamento destas dimensões, de dentro e fora do indivíduo, não existindo, portanto, a separação entre o plano individual e o coletivo, entre os registros de indivíduo e sociedade (CASSAB, 2001, p.33).

Considerando a subjetividade como sendo socialmente produzida, atuando numa determinada formação social e no âmbito cultural de um determinado tempo histórico, as ações que partem do sujeito sofrem interferência das ideologias, dos hábitos e dos costumes culturais da sociedade a qual está inserido. Emerge, a partir dessa colocação, um sujeito impregnado de linguagem, um ser pensante e sonhador, capaz de seguir seu destino interpretando o mundo, as leis e os outros.

Em suma, a subjetividade, assim como nós a vivenciamos, é constituída por alguns antagonismos: unidade - divisão, identidade - alteridade, interioridade - exterioridade, consciência - inconsciente, inclusão - exclusão, autonomia - dependência, poder - sujeição, ser pleno - ser de falta. Seus pares de oposições estão tão interligados entre si e com os demais que formam sua grande constelação teórica.

### **2.1.3. Cultura: “educação para a realidade”**

Ao discorrer sobre o fenômeno da cultura em seus escritos, Freud (1913-1927) sugere uma relação intrínseca entre o desenvolvimento psíquico do indivíduo e o processo civilizador que o envolve. Nesse sentido, a cultura, se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas. Desta forma, cada indivíduo constrói significados e significações que lhe permite uma relativa estabilidade psíquica que se interrelaciona com a sua própria historicidade.

Mezan (1990), discutindo as ideias de Freud sobre cultura diz que não existe diferença de natureza entre o individual e a cultura, mas uma hierarquização, isto é,

há uma possibilidade de alargamento no tocante a compreensão de cada uma, sem reduzir uma a outra nem tão pouco seus conflitos e suas oposições. Não há somente uma troca de influências entre o cultural e o individual, trata-se também de fenômenos que se suplementam e se sobrepõem originados do mesmo registro: o do desejo.

Para Freud é impossível pensar a cultura sem considerar as tendências agressivas e destrutivas e sua função de 'sujeitá-las'. No final do ano de 1913, ao publicar na Revista *Scientia*, o artigo 'O interesse científico da psicanálise', Freud escreve:

Todo o curso da história da civilização nada mais é que um relato dos diversos métodos adotados pela humanidade para 'sujeitar' seus desejos insatisfeitos, que, de acordo com as condições cambiantes (modificadas, ademais, pelos progressos tecnológicos) se defrontaram com a realidade, às vezes favoravelmente e outras com frustração. (FREUD, 1913, p.221)

Em *Totem e Tabu* (1913), e no ensaio *O Futuro de uma Ilusão*, (1927) Freud enfatizou questões que envolviam o homem e seu destino na sociedade e na cultura, abrangendo também as origens da moralidade e da religião. Ao pensarmos sobre cultura sob o olhar freudiano, é preciso fazer uma distinção entre os termos cultura e civilização, quando ele define uma pela outra como sendo:

[...] tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal... Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. (FREUD, 1927, p. 16)

A relação indivíduo e cultura/civilização é sempre de constituição recíproca por ser uma relação que não se resolve, mas se desenvolve devido a processos distintos oriundos de forças internas e externas que se entrelaçam. Essa relação suplementar e ambivalente do homem com a civilização, sob forma de condição humana, é o que Freud chamou de "mal-estar". Ao se referir ao aspecto que separa o humano dos outros animais compreende que cultura e civilização estão além de um contrato social ou como sendo simplesmente uma adaptação de atos e

condutas. Há também uma construção de valores internalizados em forma de ideais que podem advir de fontes variadas como: as restrições morais, o passado, a tradição, a religião, a educação, o comportamento social e as criações artísticas.

Esses ideais tem a propriedade de elevar os sentimentos de identificação que toda unidade cultural necessita. A partilha de experiências emocionais e realizações entre os membros de uma cultura específica que revigoram os seus ideais conseqüentemente contribuem também para a sua satisfação pessoal.

## **2.2. Consciência, Massificação Cultural e Educação em Paulo Freire**

### **2.2.1. Consciência**

As ideias de Paulo Freire acerca de “consciência” transitam entre a dialética do homem-mundo e suas relações. Ao afirmar que “o homem é um corpo consciente” (1980, p. 74) ele propôs uma reflexão dessa simultaneidade entre o mundo exterior e a essência da consciência humana, onde existe uma consciência condicionada historicamente, sem tornar-se uma simples reprodução da realidade. Portanto, o mundo é relativo a consciência, o que faz com que haja uma verificação simultânea, onde ambos estão em interação.

A internacionalidade da consciência humana é o que a define, por ser ativa e ter um objeto diante de si. Isso fundamenta o ato de “conhecer”, e esse conhecimento conduz o homem a um aprofundamento da própria razão do objeto a ser conhecido, desafiando o que o mundo lhe sugere e respondendo de forma intelectualizada e própria a essas contradições externas.

No entanto, a consciência que Freire considera não se direciona apenas ao mundo, mas tem a propriedade de voltar-se sobre si mesma e ser consciente de sua consciência, ultrapassando os níveis de representação da realidade. Constitui-se de um caminho para alguma coisa fora de si, tendo em vista que não é um recipiente interno esperando ser preenchido, mas transcende a atividade humana, quando permite ao homem dar sentido ao mundo, elaborar objetivos e ultrapassar situações:

Na verdade, não há eu que se constitua sem um não eu.  
Por sua vez, o não-eu constituinte doeu se constitui na

constituição do eu constituído. Desta forma, o mundo constituinte da consciência se torna um mundo da consciência, um percebido objetivo seu, ao qual se intenciona. (Freire, 1980, p. 71).

A mediação da consciência com o mundo faz com que os homens se reconheçam e reconheçam mais a si mesmos. Essa intercessão torna-se essencial para o entendimento das relações estabelecidas e fundamenta a dialógica da consciência, já que para Freire, “monologar seria negá-la”. Ao passo que se forma uma reciprocidade há uma comunhão de pensamentos voltados para uma superação comum, e essa comunhão é o que conscientiza o homem e faz com que ele vá ao mundo, contemple-o e comunique-se.

A ação transformadora voltada para a realidade transitória e suas possibilidades, interagindo com a intersubjetividade das consciências enquanto processo de libertação e de humanização, permitiu a Freire articular três níveis de consciência, os quais ele denominou: **consciência semi-intransitiva**, **consciência transitivo-ingênua** e **consciência crítica**.

Ao discorrer sobre o homem dominado pela **consciência semi-intransitiva**, Freire refere-se ao sujeito imerso a uma quase total aderência à realidade objetiva, e sua esfera de apreensão dessa realidade é limitada à dimensão biológica. O indivíduo absorvido por essa consciência não consegue afastar-se da realidade para problematizá-la, sua percepção sobre desafios do seu próprio contexto é falha e direciona a origem do problema para fora do que lhe é concreto.

Não há uma orientação no sentido de transformação, e ele acaba excluindo-se do processo de superação, voltando-se para ações defensivas em algo pré-instituído por um poder superior. O homem não atua em nível histórico, sua decisão não o compromete existencialmente, assumindo assim uma postura mágica perante o mundo e os fatos, sem conseguir distinguir a verdadeira casualidade dos eventos que o cerca.

Quando o campo de relações do homem se amplia outras esferas não vitais estimulam seus interesses e preocupações, impondo-lhe novas leituras da realidade. É nesse sentido que atua outro nível de consciência, denominada por Freire de **consciência transitivo-ingênua**. Ao perceber que existe algo de errado e que alguma coisa pode ser feita, o indivíduo cogita a possibilidade de mudanças que dependem dele, o que acaba por transcendê-lo a um estado de inquietude no

tocante a como mudar seu próprio destino. Ele passa a ser provocado a responder questões que lhe são propostas e o submete a sugestões oriundas de seu contexto. No entanto, há simplicidade na interpretação dos fatos, o que fragiliza sua argumentação devido a um grande teor emocional voltado a explicações de ordem “fabulosas”.

A preocupação constante sobre a causalidade dos fatos faz o homem se aprofundar na análise dos problemas e a procurar a razão deles. A **consciência crítica** emerge desses pensamentos. É construída através da práxis: ação-reflexão, fazendo com que o indivíduo seja protagonista de sua própria história. Há um dinamismo que nega e recusa posições “quietistas”, buscando uma argumentação segura através de um diálogo racional.

Fundamenta-se na criatividade, estimulando tanto a ação quanto a reflexão do homem sobre a realidade em que está inserido, promovendo-lhe a oportunidade de responsabilizar-se por seus atos com o objetivo de mudanças que dependem dessas ações, estimulando a liberdade na sua atuação pessoal, social e política.

O portador desse nível de consciência passa a considerar-se um ser no mundo e assume o compromisso de ser agente de transformações. A sua postura transformadora é determinada a partir do seu conhecimento acerca da realidade concreta que o faz autor e ator do seu processo de desenvolvimento.

### **2.2.2. Massificação Cultural x Educação para a Liberdade**

A passagem da transitividade ingênua para a consciência crítica implica na educação que Freire (1982) defende. Os valores e as diferenças nos estilos de vida são necessários para a construção do homem diante de uma realidade de mundo que ele absorve mediante a uma consciência libertadora fruto de suas implicações enquanto membro social. Essa relação homem-mundo provém da relação entre a consciência e o mundo. O mundo é exterior à consciência, mas por essência é relativo a ela. A consciência do mundo implica o mundo da consciência:

Na verdade, não há eu que se constitua sem um não eu. Por sua vez, o não-eu constituinte do eu se constitui na constituição do eu constituído. Desta forma, o mundo constituinte da consciência se torna um mundo da consciência, um percebido objetivo seu, ao qual se intenciona. (Freire, 1980, p. 71).

As ideias freireanas apontam o homem como sendo um sujeito de relações. O verbo ser já contém em si a possibilidade de comunicação, de discernimento, de poder de julgamento crítico e de existir. Ele é, então, capaz de tomar distância, de objetivar o mundo e objetivar a si mesmo através do ato de conhecer. Pelo ato de conhecer o homem pode criar sua consciência de mundo, construir sentidos significações e símbolos. Tendo como característica a ação-reflexão, o ato de conhecer permite ao homem tomar consciência de sua qualidade de sujeito. Ao tomar consciência de si mesmo ele estabelece uma relação dialética entre sua liberdade e os problemas que a limitam. Assim seu papel não pode ser resumido à passividade, a uma intervenção acidental e incompleta com o mundo. “[...] o que impede a libertação é o medo da liberdade. [...]” (FREIRE, 1979, p.34).

As formas ingênuas de perceber a realidade conduz o homem a uma situação de passividade, o que Freire (1913) denomina de “opressão”. O sujeito oprimido submete-se ao opressor por falta de atitudes e de posição crítica diante de seu compromisso com a existência. A sua capacidade de opinar se transforma em acomodação e conseqüentemente há uma tendência a silenciar diante de seus problemas, permitindo ser massificado por uma classe dominante. Nesse sentido a sua educação atua como uma tentativa de mudança de atitudes e substituição de hábitos de passividade por hábitos de participação.

Em consonância com o conceito de **repressão** Paulo Freire (1983) apresenta características em sua teoria que servem à **opressão** para compreender a constituição do sujeito. São elas: a conquista, a divisão, a manipulação e a invasão cultural.

Conquista - a necessidade de conquista se dá desde “as mais duras às mais sutis; das mais repressivas às mais adocicadas, como o paternalismo” (p.162);

- a) Divisão - “na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condições indispensáveis à continuidade de seu poder” (p.165);
- b) Manipulação - “através da manipulação, as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E quanto mais imaturas politicamente estejam, tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder” (p.172);

- c) Invasão cultural - “a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão de mundo, enquanto lhes freia a criatividade, ao inibirem sua expansão” (p.178).

Eis porque essa constituição subjetiva nega a dialogicidade nas relações entre os sujeitos e a realidade, isto é, o homem ao anular sua vocação ontológica se “coisifica” ou é massificado pelos opressores que prescrevem o tipo de sujeito que devem se tornar. A massificação pode transformar o homem em um ser passivo, sem liberdade, acomodado e incapaz de tomar decisões. Isso o priva de sua autonomia e censura a vontade de transformar a realidade em que está inserido, fazendo com que os conflitos sociais percam o seu aspecto ameaçador. A aceitação e o conformismo são resultados desses conflitos, não sanados, na superfície da vida normalizada, e os absorvem como um mal banalizado através do mecanismo de identificação imediata do indivíduo com a instância social.

A massificação transforma os homens em seres passivos, acomodados, ajustados, incapazes de decidir, sem liberdade, e, portanto, heterônomos<sup>10</sup>. “A integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da vontade de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade” (FREIRE, 1979, p. 42).

A integração é um conceito ativo que envolve além do ajustamento, a opção e a ação transformadora de um homem sujeito enraizado no seu mundo, por isso promove a autonomia. A acomodação é fruto da prescrição que minimiza as decisões e faz com que se perca a capacidade de optar, por isso impede a autonomia. A acomodação vai implicar no simples ajustamento e na conseqüente massificação, situação em que a liberdade do sujeito e sua autonomia são negadas. Freire (idem, p. 43) denunciou que as tarefas do tempo do homem moderno em vez de serem frutos de decisão consciente a partir da própria realidade são decisões de uma elite que por meio da prescrição, massifica, domestica, acomoda, rebaixando o homem à condição de objeto, fazendo-o heterônimo.

Portanto, a massificação acaba por controlar o comportamento do sujeito, e o conceito de eficiência não se relaciona com sua capacidade de pensar ou criar, induzindo-o a cumprir ordens que vêm de cima. A ingenuidade o impede de avançar

---

<sup>10</sup> Heteronomia: Termo usado pelo filósofo Immanuel Kant (1724 -1804) ao se referir à condição de uma pessoa ou de uma coletividade que recebe do exterior a lei à qual se submete.

em sua investigação e há um descompromisso com sua existência, o que não o impossibilita de entender a sua responsabilidade enquanto transformador, conduzindo-lhe a buscar, dialogar e descobrir o que pode ser feito, tornando-lhe histórico na construção de sua própria humanização.

### **2.3. Da Família e da Infância: História Social**

No convívio familiar surge o processo de socialização, principalmente, por meio das práticas educativas que tem como principal objetivo a transmissão de hábitos, valores, crenças e conhecimentos. Essa forma de agir possibilita aos filhos uma melhor inserção na sociedade, em geral é aprendida por imitação e tende a repetir padrões vividos pelos pais em suas famílias de origem.

As trocas intersubjetivas ocorridas na instituição familiar permitem aos membros mais jovens a construção e apropriação de saberes, práticas e hábitos sociais, proporcionando um processo reflexivo no desenvolvimento pessoal de todos os membros da família em meio a uma vasta gama de disposições afetivas. A família tem o papel de preparar as novas gerações para a vida social, para a vida no mundo, porém,

[...] a ela cabe também tanto a reprodução da força de trabalho com a perpetuação da propriedade, tornando-a assim fundamental para a sociedade e, conseqüentemente, objeto de um controle social bastante rigoroso por aqueles que detêm o poder. (LANE, 1981, p. 27)

De forma geral podemos definir a família como um grupo de pessoas que convivem, reconhecendo-se como família, propondo-se a ter entre si uma ligação afetiva duradoura, incluindo o compromisso de uma relação de cuidado contínuo entre os adultos e deles com as crianças, jovens e idosos. Tendo em vista essa proposta torna-se possível entender os mais diferentes arranjos e protagonistas, que muitas vezes se afastam da proposta do modelo de família nuclear burguesa<sup>11</sup>. Sendo assim,

---

<sup>11</sup> Esta estrutura familiar decorre da necessidade histórica da preservação de propriedades e bens pela família extensa, levando à instituição da monogamia e à valorização da virgindade da mulher, como condições essenciais para garantir a legitimidade dos filhos [...] (LANE, p.18, 1981)

[...] ações contínuas e habituais, realizadas pelos membros mais velhos da família, nas trocas intersubjetivas, com o sentido de possibilitar a construção e apropriação de saberes, práticas e hábitos sociais pelos mais jovens, trazendo, em seu interior, uma compreensão e uma proposta de ser-no-mundo com o outro. (SZYMANSKI, 2001 p. 87)

Tais práticas concretizam-se em ações que revelam o modo como são socializados os membros jovens da família, que comportam momentos fundamentais para a constituição de identidade, que se refere a um processo relacional, elaborado reflexivamente em meio a trocas intersubjetivas, situado social e historicamente, com uma orientação valorativa e afetiva, referindo-se à experiência individual ou coletiva de ser si mesmo ou de pertencer a um grupo social e com a possibilidade de transformação ao longo da existência.

### **2.3.1. A Família e a Criança na Idade Média**

Phillippe Àries, em seu livro “História social da criança e da família” (1973), se utiliza de figuras para falar sobre infância e família, partindo da ideia de que a importância dada ao ofício na iconografia medieval é um sinal do valor sentimental que as pessoas lhe atribuíam. Segundo o autor, na sociedade medieval o sentimento da infância não existia, não havia diferença entre a criança e o adulto, ela era vista como um adulto em miniatura um pouco depois de ser desmamada ela era inserida como companheira dos adultos e era socializada longe do ambiente familiar, porque era treinada em tarefas adultas. “[...] a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade.” (ÀRIES, 1973, p. 10).

Um aspecto importante na Idade Média era que às crianças eram vestidas como adultos. Por volta do século XVII começam a surgir roupas próprias para crianças e que acabam caracterizando-as. Vestidos para meninos e meninas. No final do século XVIII os trajes das crianças se transformam e nota-se que nas vestimentas das crianças existem inúmeros traços femininos em sua composição.

Outro tema não menos importante tratado por Àries faz referência à educação que só começava a partir dos sete anos. Havia muito a questão das brincadeiras sexuais naquela época, que eram inclusive muito comuns. “[...] durante

seus três primeiros anos, ninguém desaprova ou vê algum mal em tocar por brincadeira em suas partes sexuais.” (ÁRIES, 1973, p.126). Não se educava as crianças no seu contexto de inocência, e elas eram inseridas muito precocemente em festas religiosas e em reuniões sociais onde eram abordados temas para “adultos”, não havendo censura de assuntos.

Apesar das crianças terem sido sempre encantadoras para as mães e as avós, esse sentimento na época não era demonstrado. O sentimento de afeto direcionado à infância começa a ser percebido entre o fim do século XVI e o início do século XVII, quando nota-se uma certa “paparicação” por parte da família. Entretanto, para os moralistas e educadores do século XVII esse novo sentimento era digno de repugnância. “[...] é como se as pobres crianças fossem feitas apenas para divertir adultos, como cãesinhos ou macaquinhos”. (ÁRIES, 1973, p.161-162). Para eles todo esse mimo tornariam as crianças mal-educadas. Porém, entre esses mesmos moralistas e educadores do século XVII surgiu toda a inspiração da educação até o século XX.

O primeiro sentimento da infância foi caracterizado pela “paparicação”. O segundo, no entanto provém de um ambiente extrafamiliar por meio de moralistas, educadores e eclesiásticos que tinham como principal preocupação a disciplina e racionalidade dos costumes, para eles considerar as crianças encantadoras tiravam delas a visão de criaturas frágeis de Deus e as tornava como simples brinquedos para entretenimento.

Nessa época, a criança era considerada como um objeto, em que uma ação precisava existir sobre ele a fim de deixar a marca da existência de um adulto responsável, ou seja, era um ser altamente influenciável, incapaz de reflexão, criado com a finalidade de domesticação. No entanto não é difícil perceber que as modificações da criança estão ligadas a questão de educação e do progresso da ciência. Desse modo, ao compararmos os dois extremos, a época que Ariès descreve com a contemporaneidade, é impossível não perceber tais mudanças e o quanto foram importantes para o desenvolvimento infantil. Havia uma certa "falta de identidade", a criança só era considerada como ser humano se conseguisse ultrapassar os primeiros anos de existência, e ainda assim sem grande relevância. Um “adulto em miniatura”, era o conceito de criança no período medieval.

Eram assim denominados por ter algumas responsabilidades de gente grande desde cedo, embora nem entendessem o porquê. Os meninos geralmente

começavam a trabalhar antes mesmo da puberdade, e as meninas eram treinadas para serem ótimas donas de casa. Não tinham ainda uma posição ao lado dos pais, eram tratadas como seres sem emoções. As vestes da época é outra característica da manutenção de um adulto por trás de uma criança, se vestiam igualmente, exibindo certa seriedade e aceitação do que lhe era imposto.

A imagem da inocência só começa a ter seus indícios na arte, quando pintores da época criam quadros com figuras de anjos, crianças com aparência serena. Nesse tempo surge o nu, exposto em quadros, inicialmente em anjos, e depois na leveza das vestes infantis, começando a quebrar conceitos e enfatizado também o dia a dia da criança. Em pinturas apareciam crianças em seu cotidiano no ambiente familiar, em momentos de descontração, brincadeiras, começando a figurar uma nova visão da criança, dessa vez cristalizada, dotada de pureza e de inocência, um ser que merecia atenção.

Surgem a partir daí, indagações tanto quanto a curiosidade como aos desejos oriundos desses pequenos seres. A sexualidade passa a ser um tabu ao mesmo tempo em que aflora na criança, de modo agora perceptível, já que até então era algo distante na concepção dos adultos. Essa omissão para Freud (1913), não é um fato puramente ideológico, mas traz consequências diretas sobre o saber da vida sexual, e a inclusão da criança como objeto de interrogação não somente restitui o seu lugar enquanto sujeito inteiro, como produz uma abertura no campo do saber. Ele postulou que um véu cobre esse período, como uma amnésia, e na criança desprovida de saber.

A afetividade inserida no contexto familiar não era comum na idade média. A função da família se resumia em manter o nome e os bens de uma geração para outra. Outro componente importante que perpassa toda a história da família Medieval é sua devoção religiosa. Rituais aconteciam como prova dessa ligação com o “divino”, como por exemplo, a oração feita antes das refeições e a devoção aos santos padroeiros do pai e da mãe, que eram configurados como santos protetores da família. Nessa época era comum o retrato de todos os membros reunidos como forma de pagamento de ex-voto<sup>12</sup>.

A educação na sociedade medieval consistia na aprendizagem dos ofícios e de boas maneiras. Os meninos aprendiam desde muito cedo a profissão do pai, e as

---

<sup>12</sup> Graça miraculosa alcançada, prática comum no catolicismo.

meninas funções direcionadas as mulheres da época, como cozinhar e costurar. O conhecimento advinha da prática que era estendida desde a profissão até a vida privada, á partir do final do século XVII a aprendizagem tradicional foi substituída e essa função passou a ser desempenhada pela escola.

A partir de então, a educação não estava mais voltada para as boas maneiras e sim para a escolha de uma profissão. A família passou a assumir sua função moral e espiritual e a criança ocupou o lugar que era seu por direito, com necessidades de atenção e cuidado, relevando a construção de sua identidade na instituição familiar.

### **2.3.2. A Família e a Criança na Contemporaneidade**

Atualmente a família tem recebido da sociedade uma maior atenção, mediante a sua fundamental importância na constituição social e psicológica do indivíduo. Entretanto, na contemporaneidade os círculos de socialização como escola e igreja têm ganhado cada vez mais força, como consequência disso a família tem perdido paulatinamente suas atribuições na formação do indivíduo. Corroborando com esse fato Singly (2007) afirma que esses fatos colocam a família, numa posição residual na vida de seus membros.

Diferentemente da família patriarcal explanada por Áries (1973), a família moderna é marcada por novas configurações, ganhando um espaço central na contemporaneidade, mediante a diversidade de seus formatos configuradores. Os arranjos familiares têm se diversificado imensamente, o modelo de família nuclear, formada por pais biológicos e seus filhos têm dado espaço às novas composições. Um fator relevante é a saída do homem do lar, levando a mulher a chefiar a casa. Inúmeras mulheres começam a participar da vida ativa da sociedade, abrindo negócios, assumindo cargos, assumindo a chefia da família e trabalhando para manter os filhos, ocasionando mudanças no contexto familiar contemporâneo.

A diversificação no modelo conjugal tem ocasionado um crescimento e ao mesmo tempo uma precariedade na união entre duas pessoas, acarretando que o casamento até então uma instituição sagrada. A reestruturação dos arranjos entre a união de casais nos permite repensar sobre o modelo fundamental na definição a cerca da família. “[...] estabelecer uma relação amorosa exige considerar o parceiro

como uma pessoa e não mais como papéis a cumprir por definição sexual.” (COSTA, 2009, p. 365).

Essas mudanças nos arranjos familiares atingem também algo fundamental na estrutura familiar, que diz respeito ao seu funcionamento interno. A função fundamental na família moderna torna-se agora não apenas a formação da identidade de seus indivíduos, mas também a de promoção da satisfação afetiva de seus membros. Mediante algumas banalizações quanto ao conceito de família e seus papéis sociais, acarreta numa busca dos indivíduos nela inseridos de elaboração dos seus próprios sentidos, e na individualização dos laços familiares, além do aumento de uma pluralidade de conflitos nas relações.

As mudanças dos papéis dos indivíduos no seio familiar que implicam na redefinição da dinâmica familiar nos leva a refletir que ao entender essas novas dinâmicas e conceitos da família moderna, estamos entendendo também que, independente de sua constituição, a família não é primordialmente um fator homogêneo.

O passar dos tempos amadurece não apenas o indivíduo, enquanto sujeito ativo da sociedade, mas também os conceitos que ajudam a construir o próprio meio social e a cultura da época em questão. Diante dessas mudanças, situar a infância nesse contexto nos permite literalmente uma viagem no tempo, onde cada momento histórico estabelece uma visão diferenciada que ajuda a construir o momento seguinte. Hoje se fala de uma infância nada ou quase nada igual a infância de séculos atrás, o que faz supor que a humanidade está sempre voltada para uma evolução contínua, movida por um desejo insaciável de reconstrução.

De fato, essas experiências da infância e seu correlato tornam-se a condição necessária para a formação de todo sintoma posterior, segundo a psicanálise. Os segredos da infância, as suas aspirações, a partir de Freud, constituem o próprio fundamento de toda vida do sujeito. A sexualidade infantil não precisa de parceiro, o seu agente é o próprio sujeito, e apesar da amnésia, a lembrança desse momento ficará definitivamente atrelada a ele. E, a partir daí, reconhecendo que desde sempre existiu a pulsão sexual na criança, Freud faz dessa condição a construção de um sujeito não somente submetido a acontecimentos exteriores, mas também de um sujeito que possui potencialidades de sua própria determinação.

A criança assume o papel de um ponto limite que afirma um sujeito na origem. Com a descoberta de um Outro, é que ela se encontra enquanto pessoa. É

um período de transição de um sujeito-ainda-não-sujeito para um sujeito-já-sujeito, um ser antes inocente transformado em outro afetado pela angústia e pelo sexual. Diante disso, a sexualidade da criança é algo que sempre existiu, e as mudanças que ocorrem na transição da fase fálica até a puberdade é de extrema importância para a sua formação e desenvolvimento enquanto sujeito.

É dito pela psicanálise que só existe desejo se houver falta, e esse desejo infantil é sem objeto. No entanto, por não poder ser satisfeito, move a existência. A criança, a priori, funciona como sendo o objeto da mãe, e essa relação, quando não bem difundida, pode acarretar graves consequências no futuro adulto. É preciso que surja uma terceira pessoa, geralmente o pai, para que se corte essa relação e então a criança então se encontre como sujeito. Esse afeto entre educadores e a criança gera uma dependência que provoca alienação acerca da troca, ao perceber que ela precisa compensar e alguma maneira essa atenção, levantando indagações sobre o que esse adulto quer dela e o que ela pode fazer para não deixar de ser amada.

A família moderna se organiza em torno da criança, o que não acontecia há tempos atrás. A maioria dos casais hoje se une com essa pretensão, há todo um planejamento para a chegada do bebê, como um desejo primordial para que se constitua uma família, e ele passa de segundo plano para primeiro e essencial.

A relação com o outro é o que normatiza a criança. Na perspectiva do adulto é a criança o ser que precisa ser dominado, e para a criança o adulto é um ser perfeito. A partir daí cristalizam as identificações do sujeito. Em nível do significante, a linguagem na criança é muito levada em consideração. Já em nível da história, o que diferencia a criança do adulto é o próprio saber. O encontro com o inconsciente permite a reconquista da liberdade e o encontro do sujeito com a sua verdade.

Observando o percurso do infantil, a mudança de lugar e de importância da criança ao longo dos tempos, é pertinente dizer que ela continua em processo de renovação. O próprio cotidiano revela isso. A figura do pai está em declínio, a lei que barra o gozo já não é mais tão forte assim. As novas famílias que se formam, a maneira de como a criança é concebida, a tecnologia avançada, tudo acaba desviando um pouco a condição psíquica infantil.

É a família, segundo a psicanálise, que garante a transmissão de coisas estruturantes para a criança e garante também a sua continuidade psíquica. Então por trás de uma criança tem todo o sintoma parental, sendo que agora dentro de um contexto diferente, os pais não tem total controle e autonomia para moldar seu filho,

outros caminhos surgiram, outras figuras surgiram, e a inocência já não é mais tão inocente assim, o pudor mudou de cara, os modos são outros e a linguagem também é outra. Isso talvez seja fruto da própria família que também não parou no tempo e deixou de ser modelo para ser molde, e a subjetividade do filho no desejo dessa família agora se apressa de forma desfragmentada. Pensar no futuro pode causar algum receio, já que a operação normativa não é mais tão regrada assim, e esse adulto “aprimorado” goza com seus desejos e anseios desenfreados.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. Tipo de pesquisa

Para a pesquisa optamos pelo método qualitativo como caminho e o instrumental, próprios de abordagem da realidade, incluindo referenciais teóricos, técnicas e criatividade, visto que trabalhamos com valores, crenças, opiniões, atitudes e representações. Nesse sentido, MINAYO (2007) afirma que na pesquisa qualitativa “verifica uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Norteados por esse vínculo, fomos a campo observar não apenas a manifestação cultural das crianças cantadoras de benditos, como também investigar aspectos subjetivos que conduziram a construção de sua identidade, e atribuir significados a esses fenômenos, como destaca LAKATOS (et al, 1986) em suas palavras:

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Como aporte teórico desta pesquisa, tomamos o referencial da abordagem Psicanalítica no que concerne a fenômenos de massa, subjetividade cultura e infância, assim como a abordagem Problematizadora de Paulo Freire como teoria que privilegia a transição histórica, das formações sociais e suas transformações, além de desvelar os determinantes ideológicos dos fatos ou eventos articulando pelo menos três regiões do conhecimento, traçando uma epistemologia que se movimenta no território da formação social, da ideologia e dos significados. Para Triviños (1987) a pesquisa qualitativa com fundamentos materialistas e dialéticos é uma pesquisa que parte da descrição do fenômeno, no entanto,

[...] as causas da existência dele, procurando explicar sua origem, suas relações, suas mudanças [...] aprecia o desenvolvimento do fenômeno [...] para descobrir suas relações e avançar no conhecimento de seus aspectos evolutivos, tratando de identificar as forças decisivas responsáveis por seu desenrolar característico; [...]

busca as raízes dos significados, as causas de sua existência, suas relações, num quadro amplo do sujeito como ser social e histórico. (TRIVIÑOS, 1987, p.130)

Cunha (1989, p.57) ressalta ainda que a organização dos dados e sua análise na pesquisa qualitativa é algo complexo, pois é preciso que o pesquisador tenha uma visão ampla do objeto e do contexto a ser pesquisado sem “perder as peculiaridades e aspectos peculiares que podem, muitas vezes, enriquecer a compreensão do fenômeno”.

Entendendo-se a pesquisa qualitativa desta forma, passa-se a definir o campo de investigação e as etapas do estudo.

### **3.2. Técnica da Análise de Conteúdo**

Historicamente a Análise de Conteúdo (AC) data desde as tentativas de interpretação de livros sagrados. Nos séculos XVII na Suécia, e XIX, na França, já havia esforços de sistematização para interpretação de textos.

No início do século XX, pós Primeira Guerra Mundial, encontram-se estudos de Leavell ao investigar as propagandas utilizadas na guerra. Pode-se dizer que a AC toma forma como método de investigação organizado.

Com o desenvolvimento da interpretação de textos sagrados, críticas literárias, propagandas e outros a AC passou a ser usada por várias áreas de estudo, principalmente a Lingüística, a Literatura, a Psicanálise e a Psicologia Clínica. Em 1948, Berelson e Lazarsfeldt fundamentaram teoricamente o método estabelecendo regras e princípios de análise. Vários aprofundamentos foram feitos por especialistas sobre AC, destacando-se em 1966, na Pensilvânia, um novo aperfeiçoamento da técnica como instrumento de pesquisa.

Notadamente, a AC foi configurada em detalhes tanto conceitualmente quanto tecnicamente por Laurence Bardin, na sua obra *L'analyse de contenu*, em Paris no ano de 1977. Bardin conceitua a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

A técnica se aplica a análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento, que contem informação acerca do comportamento humano atestado por uma fonte documental, tendo como objetivo compreender, criticamente, o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.

Na AC a mensagem é o ponto de partida, considerando a semântica e a interpretação do sentido atribuído às mensagens. Neste sentido, ao considerar o contexto e as condições de produção das mensagens, a AC assenta-se na concepção crítica da linguagem. Triviños reitera que:

[...] o método de análise de conteúdo [...] pode servir de auxiliar para instrumento de pesquisa de maior profundidade e complexidade, como o é, por exemplo, o método dialético. Neste caso, a análise de conteúdo forma parte de uma visão mais ampla e funde-se nas características do enfoque dialético. (TRIVIÑOS, 1987, p.160)

Para Minayo (2003) a AC visa verificar hipóteses e ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto:

“[...] o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente)”. (MINAYO, 2003, p. 74)

Nesse sentido, a AC é utilizada para estudar e analisar material qualitativo na intenção de compreender e extrair aspectos relevantes de um discurso aprofundando suas características ideológicas, de sentido e significações objetivas e subjetivas.

Entre as técnicas utilizadas para a realização da análise de conteúdo destacam-se a análise léxica e a análise categorial. Neste estudo utilizamos a **análise categorial** tratando do desmembramento do discurso em categorias, em que os critérios de escolha e de delimitação orientaram-se pela dimensão da investigação do tema relacionado ao objeto de pesquisa, identificados nos discursos dos sujeitos pesquisados.

Os principais aspectos da estratégia metodológica da análise de conteúdo foram: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial.

A fase inicial ou pré-análise se configurou na organização do material. Realizamos uma primeira leitura do conteúdo discursivo produzidos pelos informantes, o que Bardin (1977) denomina **leitura flutuante**. As educadoras Lüdke e André (1986), entre tantos autores, lembram que

[...] é preciso ler e reler o material até chegar a uma espécie de 'impregnação' de seu conteúdo [...] desvele mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente 'silenciados'." (LÜDKE e ANDRÉ 1986, p.48)

A descrição analítica é uma etapa que correspondeu a um estudo aprofundado do *corpus* da investigação. Tal procedimento pode privilegiar um aspecto da análise, seja pela decomposição do texto em unidades léxicas, classificando-o em **categorias**, seja desvelando o sentido de uma comunicação na ocasião do discurso, seja revelando os significados dos conceitos em meios sociais diferenciados.

A segunda fase do processo de coleta e análise de dados partiu sequencialmente ao nível das **subcategorias** essenciais, que se define para Turato (2003)

[...] como o procedimento de pôr em destaque, dentro de um grande tópico (a categoria), outros tópicos particulares que merecem discussão em relevo, porém que guardam certa dependência temática com um amplo tópico categorizado. (TURATO, 2003,p.445)

As subcategorias se somaram as inferências referentes ao objeto de pesquisa. Nessa fase, as inferências foram fundamentais estabelecer as dimensões e relações para a análise. Neste estudo, nos aportamos no conceito de inferência definido por Turato (2003, p.454): "Processo de derivar uma conclusão a partir de determinados pressupostos, feito através da análise de um material coletado e de acordo com certas regras de operacionalidade".

A terceira e última fase do processo de coleta e análise de dados partiu do *corpus* teórico construído, para realização a interpretação do conteúdo dos discursos. Novas inferências puderam ser feitas em relação ao objeto de pesquisa,

mesmo que não tenham sido previstas. No entanto, as interpretações foram apoiadas em provas de validação, isto é, na própria literatura de especialidade ou nas práticas observadas no ambiente pesquisado. Nessa fase, a interpretação foi essencial. Finalmente, sistematizaram-se os resultados com os objetivos iniciais, buscando a construção de conhecimento científico sobre o objeto pesquisado.

Na fase final as informações devem foram analisadas separadamente, fator que subsidiou de forma mais concisa o estudo das categorias e subcategorias eleitas. Posteriormente foram examinadas, tendo-se por base o imbricamento entre os diferentes módulos que compuseram o instrumento de coleta de dados. Por último, analisamos, a partir do conjunto obtido, as relações entre as categorias e subcategorias, bem como se aplicaram as últimas inferências, buscando-se obter, com maior propriedade, a compreensão do objeto/fenômeno de estudo.

### **3.3. Campo de investigação e os sujeitos da pesquisa**

A pesquisa se caracterizou como uma Pesquisa de Campo. O campo de investigação foi na comunidade do Horto do Juazeiro, na cidade de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará. Para que fosse realizada foi necessário constituir seu *corpus*. A constituição do *corpus* objetivou delimitar e construir os dados e uma teoria relativamente ao exterior do discurso, contribuindo para encetar uma perspectiva heurística, um ponto de vista sobre os dados discursivos (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p.139). Para tanto foram realizadas entrevistas semiestruturadas como possibilidade de acesso a informação, orientação e hipóteses para o aprofundamento da investigação. Para procedimentos referentes a coleta de dados, utilizaram-se transcrições de entrevistas gravadas, organização dos relatos e dos dados de observação .

Os interlocutores da pesquisa foram 03 crianças cantadoras de benditos com idade entre 8 (oito) e 10 (dez) anos, além da secretária do “Projeto Preventivo de Educação”, existente na comunidade do Horto, subsidiado pela Ordem Religiosa dos Salesianos.

Nessas imediações localiza-se a Comunidade do Horto, que possui 4.278 habitantes distribuídos em 2.100 famílias (IBGE, 2008), quadro que compõe aproximadamente 1,74% do total de habitantes do município.

Para a análise, os fundamentos teórico-metodológicos que nortearam a pesquisa basearam-se nos estudos da Análise de Conteúdo com base nos postulados de Bardin (1977).

### 3.3.1. Procedimentos para Coleta de Dados

Após a organização do instrumento de pesquisa, fizemos o contato prévio com as crianças e secretária do Projeto solicitando autorização para execução da coleta de dados, no qual foram apresentados os objetivos do estudo, bem como a metodologia empregada. Uma vez autorizada a realização da pesquisa, procedemos a coleta. A aplicação do instrumento foi efetuada de forma individual após o consentimento livre e esclarecido por parte dos sujeitos. As entrevistas foram feitas com uso de gravador, em local reservado e com autorização prévia do respondente. Quanto ao tempo, se levou em conta o ponto de **saturação** como critério, assumindo-se que a variedade representacional é limitada no tempo e no espaço social.

### 3.3.2. Etapas da Pesquisa

1ª Etapa:

#### Entrevista

Ao delimitar os referenciais teóricos do estudo passou-se a trabalhar na construção da entrevista **semiestruturada** e aplicá-la junto aos sujeitos da pesquisa. Para Triviños (1987, p.146) pode-se entender por entrevista semi-estruturada

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Neste sentido, atentou-se para os discursos latentes e explicitados nas falas dos sujeitos com a intenção de, ouvindo suas vozes, identificarmos e evidenciarmos os objetivos da pesquisa. Para Bauer e Gaskell (2000, p.65) “O emprego da

entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes, introduz o pesquisador a “esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações”.

No desenvolver da entrevista as questões posteriores foram formuladas a medida que se fizeram necessárias e de acordo com os conteúdos evocados pelos entrevistados.

Os registros das entrevistas foram feito em gravações, previamente autorizadas e a posteriori literalmente transcritas.

## **2ª Etapa**

### **Transcrição dos dados**

Depois de realizadas as entrevistas, foram transcritas e posteriormente analisadas através da análise categorial de conteúdo (Bardin, 1977), na qual as respostas dos sujeitos foram agrupadas a partir dos objetivos pretendidos na pesquisa.

## **3ª Etapa:**

### **Processo de Análise dos Dados**

No intuito de conservar a conexão entre os pressupostos teóricos e metodológicos e a maneira mais apropriada para analisar os conteúdos encontrados através da aplicação do instrumento, os dados coletados foram analisados e tratados respeitando suas respectivas formas de processamento analítico.

Percebeu-se que neste processo, dado o caráter polissêmico das palavras, significados e sentidos diferenciados da realidade. Atentando-se para este aspecto em que provavelmente objetivismo e subjetivismo estiveram sempre presentes, tratamos os dados buscando elementos nos referenciais metodológicos de Bardin (1977) utilizando-se a análise de conteúdo, do tipo categorial temática. A análise categorial tratou do desmembramento dos discursos em categorias, em que os critérios de escolha e de delimitação orientaram-se pela dimensão da investigação

do tema relacionado ao objeto de pesquisa, identificados nos discursos dos sujeitos pesquisados.

Executado o primeiro nível de fragmentação das verbalizações, estas foram reagrupadas e reorganizadas. Como resultado deste procedimento foram definidos grupos temáticos a partir dos indicadores de sentido presentes no conteúdo dos discursos. Os indicadores de sentido, ao mesmo tempo em que definiram os grupos temáticos, configuram os núcleos temáticos que foram nomeados e orientaram a análise empreendida sobre o material discursivo proveniente das entrevistas. Na sequência se estabeleceram as categorias e subcategorias para a realização das análises, de modo a revelar de forma mais contundente as respostas dos sujeitos.

Por fim, toda análise conteve uma *reflexão sobre a análise*, isto é, toda pesquisa que se quer crítica deve ser reflexiva (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 66). Isso se relacionou à consciência sobre a posição da qual a análise desenvolve-se: não há pesquisa ou análise neutra, sempre partimos de posições teóricas que refletiram interesses particulares e foram, portanto, parciais. É preciso, pois, admitir que há sempre outras perspectivas possíveis para o tratamento do problema.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir do conteúdo manifesto das entrevistas e como parte dos objetivos propostos nesse estudo, buscamos apreender a significação dos valores que interferem na construção cultural e subjetiva das Crianças Cantadoras de Benditos, bem como investigar seu contexto social e educacional sob os aspectos da massificação.

Num primeiro momento que para nós é o núcleo principal da pesquisa, temos o registro do discurso das Crianças Cantadoras de Benditos. E, num segundo momento, o registro do discurso pela ótica da secretária do “Projeto Preventivo de Educação – (PPE)”.

O total de crianças entrevistadas foram três, com idade entre 8 e 10 anos. No dia da entrevista participavam de uma recreação promovida pelo PPE no espaço da igreja que está em construção, perto da estátua do Padre Cícero, no Horto.

A título de caracterização a secretária entrevistada tem 24 anos e trabalha junto ao Projeto a cerca de dois anos. Sua formação de graduação é em pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). É natural de Juazeiro do Norte e mora na comunidade do Horto com sua família: pai, mãe e dois irmãos.

Esse pequeno mapeamento permite situar minimamente a realidade do lugar e das pessoas e ajudam a compreender os aspectos que são abordados neste trabalho.

De acordo com os referenciais teóricos e das falas dos sujeitos da pesquisa emergiram as Categorias e subcategorias. Segundo Minayo (2004, p.178) os pontos de corte “constituem-se como termos carregados de significação, por meio dos quais a realidade é pensada de forma hierarquizada”. Nesse sentido, seguem os registros dos discursos.

### **4.1. REGISTRO DO DISCURSO (RD) DAS CRIANÇAS CANTADORAS DE BENDITOS**

Na entrevista realizada com as crianças tentamos conceituar valores culturais e individuais a partir de suas respostas, levando em conta os benditos e sua influência na construção social e subjetiva de cada uma. Para isso dividimos os

extratos de seus discursos em quatro categorias: Os Benditos e a Subjetividade, Família, Trabalho e Massificação.

## **CATEGORIA 1: OS BENDITOS E A SUBJETIVIDADE**

### **Subcategoria 1: Como aprenderam e o “pertencimento” dos Benditos**

RD1: Com Padre Cícero. (C1)

RD2: Na televisão (C3)

RD3: Aprendi com meu irmão. (C2)

RD4: Eu aprendi olhando pelos outros. Quem aprendeu primeiro foi os outros, a aprender (sic) (C3)

RD5: Nóis canta é pros rumeiro (sic).(C1)

RD6: Os benditos eram de Padre Cícero. Era.(C3)

RD8: Quem disse foi meu irmão José.(C2)

RD 9: Eu aprendi com os outros. (C3)

RD10: Meu irmão sabe cantar outro bendito diferente.(C1)

Nessa categoria percebemos uma reprodução da cultura, quando as crianças respondem que os benditos são passados de geração para geração, evidenciando esse aprendizado como algo comum no meio em que estão inseridos. Elas situam a figura do Padre Cícero como fonte inspiradora da composição dos benditos e os romeiros como objeto de alcance da prática de cantar, realçando assim a fé que move uma construção simbólica que é fruto do seu cotidiano social que de certa maneira implica na construção da subjetividade dessas crianças.

Porém, no registro pulsional instalam-se algumas impossibilidades de afirmarmos a existência de um progresso modificador da condição existente. O desamparo infantil foi o tema a partir do qual Freud iniciou seu trabalho “O mal-estar na civilização” (1930). Levantamos a hipótese de que assim o fez por supor que o mesmo está na gênese da discussão sobre a vida do homem em sociedade e da própria subjetividade.

Theodor Adorno (1985), em seu conceito de indústria cultural, a mediação entre a subjetividade e a cultura para, penetrando no mundo interno dos sujeitos,

detectar os processos subjetivos desencadeados pela internalização das ideologias societárias, de caráter violentador, tendo em vista suas funções de ordenar e manter um *status quo* autoritário.

Na próxima categoria tentaremos contextualizar a família nos discursos das crianças cantadoras de benditos.

## **CATEGORIA 2: FAMÍLIA**

### **Subcategoria 1: Perfil familiar**

RD1: Eu tenho cinco irmãos. Uma mulher e quatro homens (C1)

RD2: Eu tenho vinte. Tem mais em São Paulo. Aqui tem vinte. (C3)

RD3: Vinte e lá em São Paulo tem mais. (C3)

RD4: Bruno tem dois gêmeos ele, ele e o irmão dele. (C3)

### **Subcategoria 2 .Trabalho dos pais e irmãos**

RD1: Trabalha lá no padre. (C1)

RD3: Ela pede esmola. Meus irmãos não pedem mais não. (C2)

RD4: Ele pede esmola também. Os irmãos dele tudim(sic). (C1)

RD5: Minha mãe vende chapéu. E meu pai eu não conheço nem ele direito. Ele é mototaxi. (C3)

RD7: Meu irmão mais novo é Denílson, o pequeno. Em São Paulo eu tenho mais dois irmãos. Tem um irmão novo lá, e lá na casa do alto tem um bocado de menino. (C3)

### **Subcategoria 3: A infância “patente”**

RD1: Tem vez que alguém dá brinquedo pra mim. (C1)

RD2: Eu ganho um carro e... (C2)

#### **Subcategoria 4: Quem canta os benditos na família**

RD1: Não. Emanuel, aquele lá que...Ele não sabe não, ele canta de todo jeito. (C1)

RD2: Canta também Breno, o irmão dele gêmeo, e canta meu irmão Lino. (C1)

RD3: Só eu, Quiquinho e Lino. Só canta três em casa. Três. (C1)

#### **Subcategoria 5: Gênero e idade**

RD1: Em casa tem mulher que canta também. (C1)

RD2: Tem uma pequenininha mas não sabe cantar não. (C2)

RD3: Tem. Paulinha, aquela lá que tu visse. Ela sabe cantar direito. (C1)

RD4: Tem de 11 também. Sete, oito, seis. É o irmão dele. (C1)

RD5: É meu irmão é o mais velho sendo que ele canta também... (C2)

Sobre o perfil, as famílias dos três meninos são volumosas, em especial a do C3, que diz ter vinte irmãos residindo em Juazeiro do Norte e mais em São Paulo, sem saber dizer quantos, além do pai que não conhece, só sabe que é moto-táxi na cidade. Ao falarem sobre o que os pais fazem dois deles afirmam trabalharem 'lá no padre' vendendo chapéus, o que se entende que eles vendem chapéus nas imediações da Colina do Horto, já que ao redor do lugar tem várias lojas que vendem lembranças e que são locadas por pessoas da comunidade para comercializarem seus produtos e estimular o comércio local. Os pais de C2 pedem esmola e vivem disso, além de passarem essa prática para os filhos.

As crianças deixam escapar em suas respostas que o pagamento por cantarem os benditos ou pedirem esmolas às vezes vem em forma de brinquedo, o que demonstra que o ofício ou a prática de cantar não lhe tiram o lúdico, apesar de haver nitidamente a carência do objeto, do brinquedo que eles não tem.

Aparece novamente a reprodução ocorrida dentro do ambiente familiar ao falarem sobre quem canta os benditos na família. Além dos pais tem sempre um ou mais irmãos que sabem cantar, independente de gênero ou idade. Acontece que quando vão ficando mais velhos, os irmãos deixam de cantar porque perde um

pouco a beleza do espetáculo, com certeza, é bem mais encantador ver crianças de oito ou dez anos cantarem do que adolescentes ou adultos. Percebe-se nesse contexto uma estratégia para atrair pessoas e envolvê-las na representação de arte que eles promovem.

O ser humano é originariamente prematuro. Seu despreparo para enfrentar o mundo é a marca que conduzirá e que marcará sua subjetividade e seu “estar no mundo” (ou o seu “mal-estar” no mundo). Em função da sua fragilidade física e psíquica, o homem, desde o princípio, não pode prescindir do outro que cuida e humaniza, que possibilita sua sobrevivência e o introduz na ordem civilizadora e, nesse mesmo passo, constitui o desejo como excessivo. Esta relação de dependência física e amorosa torna o outro para sempre imprescindível.

Na terceira categoria poderemos destacar a prática de cantar bendito como forma de subexistência.

### **CATEGORIA 3: TRABALHO**

#### **Subcategoria 1: “o pagamento” e o destino financeiro**

RD1: Nós ganha (sic) de três real. (C1)

RD2: Se eu ganhar quatro ou cinco real (sic) eu dou três a minha mãe.(C3)

RD3: Eu dei cinco pra ela. (C2)

Nessa categoria evidenciamos a parceria das crianças cantadoras de benditos com a sua família no tocante ao destino do dinheiro que eles recebem quando cantam. Quando existe um pagamento, há uma troca, e é perceptível nas falas que eles esperam uma recompensa, não importa o valor, e aquele dinheiro tem destino certo, uma parte fica com eles e outra é destinada a família, mais em especial a mãe, figura bem presente em seus discursos.

Não é exagero pensar com Adorno (1985) já que pode facilmente ser constatado por uma observação, apenas um pouco crítica, que na sociedade de consumo de massa as subjetividades vem sendo produzidas em série (padronização), inexistindo o propalado indivíduo - rei - soberano, presente apenas no discurso enganoso do individualismo ou, com diz Freud (1981), esvaziado dos

elementos vitais de seu mundo interno, projetado na onipotência/impotência de um “deus como prótese” (p. 3034). De fato, há uma impossibilidade, intencionalmente produzida, para que cada um não possa se tornar um ser- singular.

Na próxima categoria veremos a massificação no contexto social das crianças cantadoras de benditos.

## **CATEGORIA 4: MASSIFICAÇÃO**

### **Subcategoria 1: Proibição**

RD1: O padre, ele não tá mais deixando cantar. (C1)

RD2: Nós pedi (sic). (C1)

RD3: Os guardas ficam lá arrudiando (sic), se o cara tiver pedindo eles pegam o cara. (C1)

RD4: [...] levam pro juizado de menores. (C1)

RD5: Nenhum guarda me pegou nunca. (C1)

### **Subcategoria 2: O ser “pedinte” e os objetivos**

RD1: Aprendi só a pedir. (C3)

RD2: Todo dia não. (C1)

RD3: [...] trabalhar pra eu comprar uma bicicleta.Vou trabalhar no lixo que ganha dois salários.Trabalhar nos lixos.Bota dentro de um cocão preto e bota no fogo.Trabalhar pro ??? não, trabalhar pro...É, pro lixeiro. O cara ganha dois salários. (C3)

RD4: Trabalhar lá em São Paulo.Melhor trabalhar em São Paulo, o cara acha coisa ai o cara tem que guardar.O cara trabalha no lixão, tem bicho que presta lá quebrado.Ai eles pega.Lá tem televisão, eles pega toda vez.Tem isso ai também.Tem uns que tá bom só ta arranhado.Um menino achou um DVD bem bonzinho. (C1)

### **Subcategoria 3: como abordam os romeiros**

RD1: A gente diz :Brigado.(sic) (C3)

RD2: A senhora me de um trocado. Ai brigado.Vá com Deus, meu padre Cícero.  
(C1)

RD3: Também, do jeito que ele disse. Todo mundo imita nós, como ele faz.(C2)

RD4: Ai diz assim: o senhor não tem nem um biscoito? Ai pega e dá. Dá bolacha.  
(C1)

Os discursos das crianças nessa categoria demonstram o poder da massificação em que eles estão submersos. Mais uma vez aparece a figura do padre, só que agora como opressor. Existe uma 'proibição' pelo padre em relação a eles cantarem os benditos nas imediações da Colina do Horto. Caso contrário há uma punição, no dito deles os guardas do Juizado de Menores assume esse papel de corretivo, mas ao mesmo tempo relatam que nunca foram pegos nem tem registros de outras crianças que foram apreendidas, deixando claro que existe um discurso hierárquico opressor e intimidador que os deixam apreensivos.

Ainda assim eles cantam 'escondidos' quando alguém pede, mas sempre atentos para ninguém que trabalha com o padre ou no projeto vê-los cantando. No momento da entrevista eles estiveram inquietos o tempo todo, expressando medo de serem 'pegos' pelos fiscais do padre.

As crianças evidenciam também o aprendizado adquirido de pedir esmolas, com todo processo de agradecimento aos que doam, em forma de ritual, sempre envolvendo palavras de bênçãos, o que comove o turista por ele já estar envolvido com a fé que o moveu até o Horto.

Quanto as aspirações para o futuro outra repetição aparece ao dizerem que querem ir para São Paulo trabalhar no lixão pra ganhar dois salários. Baseado no discurso feito pelo irmão que está morando em São Paulo, C3 absorveu essa ideia e repassou para os demais, que verbalizaram ao mesmo tempo que irão trabalhar no lixão em São Paulo quando crescerem. Os pequenos sonhos de consumo também aparecem nessa subcategoria, ao falarem que no lixão podem encontrar bicicleta,

câmera fotográfica e aparelho de dvd, demonstrando que se realizariam com esse emprego.

Podemos perceber nessa categoria as aspirações de conscientização que eles tem, no caso existe o Outro para dizer que é gratificante, por exemplo, trabalhar no lixão porque ganham dois salários, mesmo que eles não tenham noção de quanto seja dois salários, mas acreditam no discurso que lhes é apresentado sem questionarem, lembrando a relação homem-mundo quando Freire (1970) constata que nessa relação ocorre uma simultaneidade entre a consciência e o mundo: a consciência não precede o mundo e o mundo não precede a consciência. O mundo é exterior à consciência, mas por essência é relativo a ela. A consciência do mundo implica mundo da consciência:

Na verdade, não há eu que se constitua sem um não eu. Por sua vez, o não-eu constituinte do eu se constitui na constituição do eu constituído. Desta forma, o mundo constituinte da consciência se torna um mundo da consciência, um percebido objetivo seu, ao qual se intenciona. (FREIRE, 1970, p. 71).

No contexto de massificação a figura do líder, no caso o padre J.V. promove a inclinação de todos para o que ele propõe. E essa imposição é também responsável pela construção subjetiva dessas crianças.

#### **4.2. REGISTRO DO DISCURSO (RD) DA SECRETÁRIA DO “PROJETO PREVENTIVO PELA EDUCAÇÃO”**

Dentre as questões apresentadas durante a entrevista a secretária, solicitou-se sua opinião acerca da tradição dos benditos cantados na região e se mantinha ainda de alguma forma esse costume, além de especular se as crianças cantadoras tinham motivações para conservar os benditos em seu cotidiano, seja em forma de arte ou como modo de ganhar dinheiro. O que se desejava era verificar se o “Projeto Preventivo de Educação – (PPE)”, numa região com forte apelo religioso, tinha clareza em acolher e educar as crianças da comunidade e o quanto as políticas públicas e a liderança, nesse caso representado pelo padre do local, interferiam na

questão social e subjetiva dessas crianças. As respostas dadas pela secretária foram agrupadas em três categorias: projeto, família e cultura.

Na primeira categoria, obtiveram-se quatro subcategorias: Criação, Tempo e Objetivos do Projeto, Atividades promovidas pelo Projeto, Sobre as Crianças e Pessoas que trabalham no Projeto e Sobre as Ações do Projeto e Relação com outros Profissionais e Órgãos Públicos.

## **CATEGORIA 1: PROJETO**

### **Subcategoria 1: Criação, Tempo e Objetivos do Projeto**

RD1: Olha, pra esse projeto, até o meu conhecimento ele é salesiano. É o padre J. V. quem organiza, quem proporciona tudo é ele mesmo.

RD2: Exatamente, então o projeto vai pra um outro padre, pra Itália, e lá eles mandam uma verba. É um modelo mesmo de salesiano. Aquele que você tem um projeto, e ali você recebe aquelas verbas das próprias pessoas daquele grupo. E vai dividindo. Um projeto aqui, tem outro projeto salesiano em outra cidade, e assim vai.

RD3: Olha, Com a gente a frente, com esse novo grupo a frente vai fazer 2 anos. Ele vai renovando.

RD4: O nosso objetivo é tirar os meninos de pedir esmolas, é ter uma atividade pra que eles possam assim: “Hoje eu tenho pra onde ir, hoje eu tenho alguma coisa, que não seja nem na escola, nem no pólo”.

### **Subcategoria 2: Atividades Promovidas Pelo Projeto**

RD1: [...] Então, tem atividades pedagógicas, atividades recreativas, que estimulam eles a um crescimento, a gente torce pra que seja um crescimento cidadão, nossa intenção não é formar freiras, padres, mas sim fazer com que eles tenham uma visão do mundo, uma visão, assim, de que eles podem, que eles tem algo a ser feito.

RD2: As divulgações acontecem com as próprias crianças, a gente sempre pede a elas que chamem mais colegas, se forem passando e tiver algum colega pela rua

eles chamem, e também com nossos serventes, a gente faz dia das mães, dia dos pais, dia da família, páscoa amanhã mesmo vai acontecer o evento das mães, então tem a divulgação do evento em si, e aqui no evento a gente faz a divulgação do projeto, do oratório, da infância missionária, que esses três movimentos que a gente participa junto.

RD3: [...] as atividades do pólo, até onde eu sei, tem capoeira, são atividades assim, esportivas, tem capoeira, tem argila, tem, eles confeccionam objetos em madeira.

RD4: Tem a parte artística, é uma mistura de varias coisas, tem dança, e a outra parte do dia eles ficam na escola, então o intuito é juntar os três, o projeto aqui, o projeto preventivo, que a gente chama hoje de projeto preventivo pela educação, o polo e a escola pra que em todos os horários eles estejam ocupados, fazendo alguma coisa útil

RD4: Tudo isso no sábado, no período da tarde já é a infância missionária, que é um movimento universal, implantado aqui com as irmãs em 2006, em que a gente só faz encaixar uma coisa na outra para que eles tenham realmente o dia inteiro de atividades, no período da manha esse projeto mais pedagógico social, e o período da tarde religioso e esportivo. E no domingo também, uma atividade, uma recreação que é o oratório, no caso ai já fica no período da tarde. Então no domingo fica livre, e nós incentivamos eles a irem a missa, ao domingo pela manha.

### **Subcategoria 3: Sobre As Crianças E Pessoas Que Trabalham No Projeto**

RD1: Não. Os meninos, chegam meninos novos, não tem assim uma regra de que um menino que entrou no próximo ano sai, não, é assim, ele permanece por quanto tempo ele quiser, o que as vezes vão mudando são as pessoas, alguns estão aqui por estágio, na precisão de alguma coisa e tudo, ai entram, são monitores ai saem, depois renovam o contrato, no nosso caso a gente já renovou pelo segundo ano, mas tem turmas que só passaram um ano, por exemplo, a gente tem uma colega próxima da gente que já passou um ano. Então já teve pessoas antes da gente agora, antes da gente que já tava no projeto.

#### **Subcategoria 4: Sobre as Ações do Projeto e a Relação com Outros Profissionais e Órgãos Públicos**

RD1: Então, a gente tem, sempre né, o padre solicita o apoio da secretaria de educação, e principalmente nas romarias, que também a gente trabalha nas romarias, nosso projeto trabalha no polo junto com o pessoal do polo, pra pegar essas crianças que tanto as daqui, que aproveitam essa época, como as que vem de fora, pra fazer atividades do modo que fazemos aqui aos sábados, fazemos lá só que o dia todo.

RD2: Da cidade também, então o conselho tutelar vai passando, vai vendo, conversando com os pais, recolhe essas crianças e leva até nós. Ai a gente tem essas atividades, das meninas dos ólo, as professoras do ólo, as pessoas que estão lá dispostas, nós ajudamos elas, e ai a gente passa o dia todo fazendo esse trabalho.

RD3: Olha, o conselho tutelar, as assistentes sociais entram, a maioria das vezes tem os psicólogos que também já estão lá disponíveis... Ele pede, padre José pede, solicita todas essas pessoas, junto com a secretaria é claro.

RD4: É uma equipe que tenta cada dia melhorar, cada vez mais, dá uma força, um vigoramento a mais as atividades.

A concepção da secretária sobre o Projeto Preventivo de Educação aponta para o entendimento de que tanto o projeto, quanto a religião é superior e sem limites nas suas explicações. Existe uma inquestionável ênfase de que o divino é “infalível”. Por outro lado, os erros que existem são do humano, e nesse caso, da família, da criança, dos órgãos públicos, dos profissionais.

É possível também perceber em seu discurso, algumas palavras que remetem ao controle. Há um líder, no caso o padre, que parece deter esse controle. Podemos observar nesse primeiro momento um fenômeno de massa, tendo em vista que o projeto se sustenta e ganha força devido a uma submissão política, social, econômica e cultural por parte dos que nele se inserem, havendo um contra ponto com o sujeito alienado e facilmente sugestionável apontado por Freire (1977), quando ressalta ser o próprio sujeito àquele que opta por deixar-se levar pelas grandes massas em virtude dos benefícios que estas podem lhe propiciar.

Na segunda categoria, obtiveram-se três subcategorias: Os pais, Sobre Conscientização da Família e Crianças, Sobre as Crianças e Trabalho Infantil.

## **CATEGORIA 2: FAMÍLIA**

### **Subcategoria 1: Os pais**

RD1: A maioria deles sim, porque também ai consta muito os pais, dos pais incentivarem, dos pais estarem ali, mas de forma geral, de algum tempo atrás, de cinco anos atrás, anos atrás, a grande maioria hoje já está frequentando a escola.

RD2: No nosso caso, do projeto no final de semana, não, não existe, a troca que a gente pede é a colaboração dos pais pra quem mandem as crianças, pra que elas vejam onde seus filhos estão. O nosso trabalho aqui é aberto, programamos a atividade durante a semana, temos a reunião que nós programamos essa atividade de todo final de semana, no caso do sábado e do domingo, e ai as crianças vem, elas chegam, e de acordo com que elas chegam elas vão ali participando.

### **Subcategoria 2: Sobre Conscientização da Família e das Crianças**

RD1: Então as crianças se conscientizam mais, a gente tem até alguns vídeos, que as crianças, a gente gosta de fazer sempre, o que você quer ser quando crescer? Então tem alguns que dizem eu quero ser medico, eu quero ser advogado, eu quero ser modelo, eu quero ser isso eu quero ser aquilo, algum tempo atrás você pegava uma criança dessa e diziam “não eu não quero ser nada não.”.Então é essa a parte que faz com que a gente vigore sim nessas atividades, tem tempos que tem mais crianças, tem tempos que tem menos crianças, eles gostam muito de bola, de esporte. Quando a gente tenta colocar mais uma atividade pedagógica, eles tem aquele “não eu passo a semana toda na escola, e tudo”, mas ai voltam novamente e assim vai.

RD2: Existe, é pouco mas existe. Porque os pais ainda, acredito que não só na nossa comunidade, mas em outras, se o filho tá aqui então ele tá ocupado com alguma coisa, então, pronto acabou-se. Então a gente ainda ta nessa luta pra conscientização dos pais pra que eles vejam o projeto, o momento do projeto, o

momento do final de semana, a escola também, o polo também, como uma forma de educação, uma forma de crescimento da criança, que ainda não existe assim, a fundo mesmo. As vezes é como se fosse uma luta bem nossa, contra todo o resto, infelizmente.

RD3: Os pais de Cicinho a gente tem como um exemplo, porque na questão deles eles já não pedem mais. Não, eles não pedem mais. Nenhum dos menores, partindo de Angélica ate o Francisco que é o menorzinho, eles já não pedem mais. Eles passam pela mãe: “mãe me dá 10 me dá 15?” ou então fazem um trabalhozinho pra alguém do tipo: “leve esse saco pra mim ali, eu te dou tanto, pra você comprar um bombom”. Mas a mae, ela sim, ela ainda pede, hoje ela tá sozinha.

### **Subcategoria 3: Sobre as Crianças e Trabalho Infantil**

RD4: Não voltem a pedir esmolas. E nem vá trabalhar.

RD5: Não pode.

Podemos perceber nessa categoria um suposto incentivo dos pais para que as crianças participem do PPE e uma relação fluente entre a liderança e as famílias. Sabe-se que a comunidade do Horto é composta em sua maioria por famílias de baixa renda, com rendas oriundas de projetos governamentais, como Bolsa Escola e Bolsa Família, e esses sujeitos são carentes também de educação, imersos ao que Freire (1977) conceitua de **consciência ingênua**<sup>13</sup>.

Como é colocado pela secretária, muitos dos pais pedem esmola para ajudar na renda familiar. Antes, segundo ela, os filhos também pediam, e com o PPE não existe mais essa prática, a grande maioria está estudando e nos fins de semana se ocupam com as atividades oferecidas pelo projeto.

Ao falar sobre conscientização observa-se que é um discurso incentivador, persistente e objetivo em meio a “lutas” que soam como espontâneas, ao mesmo tempo cansativas em busca de finalidade comum. Descreve a realidade e coloca o projeto como algo transformador, distanciando do que Freire (1980) sugere como sendo conscientização:

---

<sup>13</sup> Ver no item 2.2.1. desse trabalho.

Ao nível espontâneo, o homem ao aproximar-se da realidade faz simplesmente a experiência da realidade na qual está e procura. Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência (FREIRE, 1980, p. 25).

Para Freire (1980), os grupos que dirigem/dominam treinam e constroem sua consciência de classe no próprio exercício da dominação. Por sua vez, os subalternos têm enormes dificuldades em se construir enquanto classe, enquanto grupo.

Outro fator importante de ser observado é que o PPE é uma constância em sua fala, há fuga na resposta sobre as famílias, e destaque para as ações de conscientização.

### **CATEGORIA 3: CULTURA**

Na categoria Cultura, obtiveram-se cinco subcategorias: Sobre a Tradição das Crianças Cantadoras de Benditos e Massificação Cultural, Interesse de Divulgação da Tradição, Onde Estão as Crianças que Cantam os Benditos, Desistência do Projeto e Mudanças na Comunidade do Horto a Partir do Projeto.

#### **Subcategoria 1: Sobre a Tradição das Crianças Cantadoras de Benditos e Massificação Cultural**

RD1: Olha, pra mim, essa tradição, eu acho interessante, eu acho interessante porque se você pegar uma criança e pedir pra ela cantar, é super interessante a forma que ela vai cantando aquilo ali, ela contando a história cantando, é uma coisa impressionante. A parte ruim da historia é porque eles utilizavam isso para pedir esmolas, se fosse um grupo formado ali, pra cantar, pra seguir mesmo essa cultura, essa tradição, seria algo interessante, até uma característica da comunidade, e ai há pessoas que tentam também, tão tentando formar esses grupos, tentando recolher essas crianças, existem várias pessoas, como você também, que ta querendo ver esses estudos mais a fundo, pra colocarem grupos pra cantar sem essa parte de, “eu estou cantando pra receber alguma coisa”, não, “eu estou cantando pra mostrar isso aqui que é característica daqui onde eu moro”.

RD2: Não, até agora, não. Tem até, a gente tinha andado conversando, e acabando as crianças que realmente conhecem ainda, essas músicas.

RD3: Porque conforme foi saindo, foi acontecendo esses projetos e as crianças foram se ocupando com outras coisas, foi deixando de ser passado, isso era ensinado como uma forma de dizer, “tu tem isso aqui pra tu pedir, então fazendo isso tu pede.”, conforme eles foram se ocupando com outras coisas isso foi deixando de ser passado.

RD4: Isso era ensinado geralmente pelos pais, pela própria família. E até hoje a gente ver (sic) mesmo assim que a família, por mais que a gente vê um pequeno progresso, mas a família ainda não é totalmente aquela família acolhedora, que deveria ser, estamos ensinando isso aqui pela sua cultura, e não para você fazer algo relacionado a tal coisa, a pedir esmolas, então é isso que você vai observando, que aquilo ali era utilizado realmente para isso, e não como uma forma de cultura.

RD5: Não, não é bem escondidos, assim, mas eles cantam não em proporção de apresentar, mas de pedir esmolas, a esse ponto a gente não colabora.[...] a gente só pede: “Olha, não faz assim não, você quer cantar? a pessoa quer ouvir? Cante, mas sem pedir nada em troca.”

RD6: Sem pedir, canta, não pede não em troca não. Alguns ficam circulando as pessoas até as pessoas entregarem alguma coisa, darem alguma coisa. Isso é que não é influenciado, essa questão deles cantarem para pedir algo em troca.

### **Subcategoria 2: Interesse de Divulgação da Tradição**

RD1: O padre tem.

RD2: Tem esse sonho de formar essas crianças, de passar pra elas esse intuito de cultura, de formar um grupo, quem sabe um coral, que tenham, que saibam, que estudem sobre isso, e que saibam passar para o povo, mas é uma forma complicada...

RD13: [...] tem que ter o apoio da família, as crianças, sempre, pra divulgarem se elas querem ter algo em troca, porque é uma comunidade que ainda ta progredindo

aos poucos, e ai sempre há esse costume de que pra dá eu tenho que receber, então isso vai deixando algumas barreiras e com isso vai dificultando mais ainda a probabilidade de chegarmos a ter um grupinho assim formado.

RD4: Mas sim, pretendemos sim. É um pouco difícil? É, mas aos poucos, como você diz, tem alguns que são características deles mesmo, olha pra carinha assim você já lembra dos benditos, e quem sabe futuramente a gente forme esse grupo, conforme o projeto for dando andamento, realmente as crianças forem participando com mais vigor, ai formar o grupinho.

### **Subcategoria 3: Onde estão as Crianças que cantam os Benditos**

RD1: Olha assim que cantam, cantam mesmo, no meu conhecimento eu conheço seis. Pra você ver que antes eram muitos você chegava e tinha um circulo ali formado em sua volta, hoje muitos já cresceram outros são pais de família, viajaram, tão fazendo outras coisas.

RD2: Alguns sim, alguns tem. Eu não conheço a fundo tantos, porque eu cheguei aqui mesmo em 99, então quando eu cheguei já tinha isso a muito tempo e eu não era muito envolvida nessas coisas, eu escutava e tudo, passavam pela porta da minha casa e tudo, mas eu não tinha o conhecimento.

RD3: Não. Expostamente, de vez em quando nós pegamos tem três, que é a Juliana, o Cicinho e o irmão de Cicinho que já é outro né, Paulinho. E só eles mesmos, que de vez em quando eles pedem em função da esmola.

RD4: Ou em romaria ou nessa época mesmo de movimento, nesse, como a gente costuma dizer: em pinga pinga. Mas em meu conhecimento, outros não. Só se você chegar e solicitar “a você cantava, você pode cantar pra mim?”, tem um grupo aqui ai pode ser que algum cante.

### **Subcategoria 4: Desistência do Projeto**

RD1: Tem.

RD2: Tem. É por isso que o nosso projeto é aberto, por quê? Porque ele é exatamente a criança ficar livre. Você vem, claro que tem um incentivo, “venha sábado, você venha, venha”, mas é pra, por exemplo, tem uns que estão conosco, estão, estão, conseguem um trabalho, então vão trabalhar. Tem tipo campeonato, eles gostam muito de futebol, essas coisas assim. Olha, a gente não vai sábado, a gente vai pro campeonato, os próprios ali do grupinho. É porque é um projeto aberto, que onde a criança entra, a gente torce pra que ela permaneça, e mas se ela quiser também em um sábado não vir, a gente tem frequência, a gente tem relatórios, refeições, tem o café, tem o lanche às 10 horas e tem o almoço.

### **Subcategoria 5: Mudanças na Comunidade do Horto a Partir do Projeto**

RD1: Caiu muito.

RD2: Caiu demais. Hoje você não vê, claro que acontece uma vez ou outra, as vezes a gente acredita que não dos próprios daqui mas dos que vem de fora, que visam isso aqui como um lugar que possa ser executado algumas coisas, mas daqui mesmo, se você tiver falando mesmo da comunidade, assim, é quase 1% disso, é quase 1%. Eles são meninos duros de você lidar, são um pouco, tem toda essa característica dos irmãos mais velhos que viviam por aqui, dos pais mesmo, que ainda pedem também.

RD3: Ao nosso ponto de vista sim. Porque só em você já uma família, apesar que a gente tem crianças que chega, chegamos a 20, 30, 35 crianças, várias famílias ali, mas 1, 2, 3 famílias que já conseguiram mesmo se desapegar desse negócio (sic) de esmolas, disso tudo, já é uma vitória. E a gente sente que eles já estão mais desapegados a família.

É importante destacar nas falas da secretária nessa categoria novamente a questão da influência cultural e da massificação quando ela se refere a tradição dos benditos e das crianças cantadoras. Existe também uma suposta preocupação no sentido de promover esse costume como algo voltado para a arte, onde ela alega ser um desejo do padre.

Quando indagada sobre as crianças que ainda cantam benditos, as respostas soam como se essa prática estivesse se extinguindo depois da

implantação do projeto, burlando a cultura, e desconstruindo a imagem de pedintes que rotula essas crianças. Esta desconstrução parece ser institucionalizada, envolvendo pontos de vista dos próprios administradores do projeto, que pode ser entendido como um modo de domesticação dos cantadores, que não podem mais cantar por uma ordem imposta.

Sobre a evasão das crianças do PPE, há uma contradição acerca da liberdade, onde ao mesmo tempo em que diz deixá-las livres para comparecerem as atividades e logo em seguida fala que há um controle de frequência. Outro tipo de controle é a questão alimentar. O projeto oferece refeições para as crianças, uma espécie de atrativo ou recompensa para que elas não faltem.

É perceptível também a tentativa de proteger a comunidade contra insinuações de desamparo e de marginalidade, quando ela fala que diminuiu o número de violência e quando isso acontece é devido a crianças de outras localidades que vão ao Horto para praticar delitos.

Nota-se que as características descritas sobre os cantadores de benditos são enaltecidas e ao mesmo tempo incômodas, ao passo que na contemporaneidade as exigências das realizações são cada vez mais acentuadas e sem trégua, lembrando o que Freud (1931) ao falar sobre o mal-estar na civilização aponta o empenho na solução cada vez mais rápida de problemas ou obstáculos dos comportamentos cotidianos. Ou seja, se algo incomoda o social, precisa que outra coisa combata esse mal-estar de forma rápida. O PPE talvez funcione como instrumento imediato de ajuste.

## 5. CONSIDERAÇÕES

A trajetória percorrida durante esta pesquisa fez jus ao seu título. Foi um caminho longo e encantador cheio de descobertas e inspirações para este e novos trabalhos que por ventura despertarem o mesmo interesse.

O principal objetivo da pesquisa foi identificar e analisar o contexto social, cultural e subjetivo das crianças cantadoras de benditos da comunidade do Horto em Juazeiro do Norte – Ce.

Até a contemporaneidade muito se falou sobre as relações existentes entre cultura, história, massificação e construção de subjetividade. No entanto, existem poucos registros dessas questões direcionados as crianças cantadoras de benditos na comunidade do Horto em Juazeiro do Norte, a partir da essência desses benditos e da significação deles para a comunidade, sob a observação de manifestação cultural latente da região.

Sobre o que foi obtido nas entrevistas, utilizamos como aporte teórico a Análise de Conteúdo de Bardin (1977), explorando as relações sociais e as experiências individuais implícitas nos discursos, abordando também questões ideológicas em que os atores desta pesquisa estão inseridos.

Os discursos dos entrevistados relevaram as suas práticas sociais e os seus contextos históricos e ideológicos, o que proporcionou uma produção dialógica acerca de processos imaginários e idealizados pertinentes ao objetivo da pesquisa.

A psicanálise é um instrumento teórico e prático importante para esclarecer os mecanismos que constituem a subjetividade, os impasses e o destino do indivíduo em sociedade. Ao compreender o conceito de identificação como sendo algo que liga o psíquico e o social entende-se também que a subjetivação humana está atrelada a cultura.

Por outro lado, a educação se intera nesta pesquisa evidenciando as ideias freireanas acerca dos níveis de consciência historicamente formados e alterados num processo de amadurecimento da consciência diante de um papel decisivo: estar conjugada ao processo de mudança social (FREIRE, 1981).

Nesse sentido, pode-se compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de condicionantes históricos através dos benditos e de seus significantes vinculados a expressão de verdades determinadas pelos sujeitos diante

de discursos anteriores fundamentados no passado, presente e futuro intermediados pela narrativa dos atores desta pesquisa.

É evidente a regulação dos homens e suas ações, onde o sujeito é constituído inicialmente pela linguagem e suas ações, o que permite situar o sujeito em uma perspectiva histórico-discursiva, evidenciado nos discursos das crianças cantadoras de benditos, que deixam implícitos a influência da vigilância e poder sobre o sujeito, agindo de forma alienada em suas maneiras de pensar e agir.

Os signos simbólicos (ideológicos) possibilitam a construção de identidade e o entendimento histórico das representações sociais das crianças envolvidas na pesquisa, permitindo uma compreensão mais clara em seus discursos. Isso foi indispensável no entendimento do sentido dos benditos, separando a história de Juazeiro do Norte, atrelada a figura do Padre Cícero e o tipo de atividade religiosa e cultural que a perpetuação desses benditos promove.

A partir da consciência de que os discursos são construídos na história, é possível enxergar que os sujeitos revelados nas várias situações discursivas asseguram e constroem lugares e papéis sociais, indispensáveis à construção de sua identidade. Para tal, este sujeito recorre às memórias, num processo contínuo entre as lembranças individuais e coletivas, para, dessa forma, reconstruir o passado, através da reativação de experiências vividas, sempre numa dinâmica dos acontecimentos.

É possível perceber a partir desses dados o resgate histórico e dar significações aos discursos elaborados, produzindo sentidos de relevância social, cultural e subjetiva desses sujeitos. Isto reforça a ideia de que cada fato é visto sob um ângulo, o qual esconde passagens e dados importantes para outro olhar, mas mostra por outro lado, a visão de realidade de um grupo marcado ideologicamente, como Le Goff aborda:

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade. (LE GOFF, 1993 p.56).

A forma mais representativa que o sujeito encontra para construir a sua memória é através das lembranças, as quais exercem uma função significativa na construção dos discursos. Este fato faz com que os sujeitos, nesta atualização das

referências históricas e sociais, elaborem formas de discursos num jogo de força e resistência. Por essa ideia, as crianças cantadoras de benditos resistem à de cultura da elite, da massa dominante, pois enquanto sujeitos marginais, pelo menos do ponto de vista econômico, financeiro e educacional, eles demonstram a esperança de uma classe presos à fé e à confiança de serem salvos dos infortúnios da terra através da manifestação da religiosidade presente nos benditos populares.

Baseados na narrativa dos atores desta pesquisa ficaram evidentes os fatos e acontecimentos que contribuíram para a sua construção subjetiva interligando fatores históricos, sociais e religiosos indispensáveis para a ocupação de seus lugares enquanto sujeitos ativos e participantes da contemporaneidade que os envolve.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. (G. A. de Almeida, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1973.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luiz Antônio Reto, et al. Lisboa: Edições 70 , 1987.
- BAUER, M. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis, Vozes, 2002.
- BERGER, P. I. & LUCKMANN, T. **Modernidade, Pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOTELHO, I. A diversificação das fontes de financiamento para a cultura: um desafio para os poderes públicos. In: MOISÉS, J.A. e BOTELHO, I. (orgs.). **Modelos de financiamento da cultura**. Rio de Janeiro, Minc/Funarte, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Romance de Formação: FUNARTE e política cultural 1976-1990**. Rio de Janeiro, Minc/FCB, 2001.
- BOURDIEU, P. & DARBEL, A. **O amor pela arte – os museus de arte na Europa e seu público** (G. J. de F. Teixeira, Trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk. 2003
- Bourdieu, P. **Contrafogos** (L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. 1998.
- \_\_\_\_\_. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. Em: M. A. Nogueira & A. Catani (Orgs.), *Escritos de educação* (4a. ed., p. 93-133). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1998).
- CASCUDO, C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 2000.
- CASSAB, M. A. **Jovens Pobres e o Futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza**. Rio de Janeiro: Intertexto, 2001.
- CAVACALTI, M. L. V. de. FONSECA, M. C. L. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.
- CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999, 168 p.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Cidadelas da Ordem: a doença mental na república**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. Trad. Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. São Paulo, SP: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Política e educação**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREUD, S. **Totem e tabu**. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XII. Tradução José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1976a. (Originalmente publicado em 1921).

\_\_\_\_\_. **Psicologia de massa e análise do Eu**. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Tradução José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1976b. (Originalmente publicado em 1921).

\_\_\_\_\_. **Mal-estar na civilização (1931)**. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XX. Tradução José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1976c. (Originalmente publicado em 1930).

\_\_\_\_\_. **O Futuro de uma Ilusão. O Mal Estar na Civilização e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GARCIA, R. L. (Org.). **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GOFF, J. L.. **História e Memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

GONZÁLEZ- REY, Fernando. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2003.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léo Schaffter. São Paulo; Vértice, 1990.

HOLANDA ,A.B. de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1975.

IBGE (2008). **Síntese dos indicadores sociais** - uma análise das condições de vida da população brasileira. disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoadevida/indicadores\\_minimos/sinteseindicais2008/indic\\_sociais2008.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoadevida/indicadores_minimos/sinteseindicais2008/indic_sociais2008.pdf).

Lane, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: editora brasiliense, 1981. Coleção primeiros passos. N° 39.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.: **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo. Ed. Atlas, 1986.

LE GOFF, Jacques. **A História nova** . São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO MC. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco; 2007.

MENDES, E. D., PROCHNO, C. C. S. C. **Corpo e novas formas de subjetividade. Psyche** (São Paulo), São Paulo, v. 8, n. 14, dez. 2004.

Mezan, R. **Freud, o pensador da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1990.

NUNES, T. (1994). O Ambiente da Criança. In: **Cadernos de Pesquisa**, nº 89, p.5-23.

PÊCHEUX, Michel. Sobre a (des)construção das teorias lingüística). In: **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**. Campinas: Pontes, 1999.

RICOEUR, P. **O Si Mesmo Como um Outro**. Campinas: Papyrus, 1991.

SAMARA, E. M. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SINGLY, F. **Sociologia da família Contemporânea**. Rio de Janeiro: FVG, 2007.

SZYMANSKI, H. (1995) – Teorias e Teorias da Família. Carvalho, M.C.B: **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo, Educ. Cortez Editora.

\_\_\_\_\_ (1999) – **Práticas Familiares e a Constituição da Identidade**. Relatório de Pesquisa: Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação. PUC-SP.

\_\_\_\_\_ (2001). **A relação Família Escola: Desafios e Perspectivas**. Brasília: Editora Plano.

\_\_\_\_\_ (2002) – Viver em Família como experiência de Cuidado Mútuo: desafios de um mundo em mudança. **Serviço Social e Mudança**, nº 71, p. 9-25.

\_\_\_\_\_. (2002). **A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Editora Plano.

TRIVIÑOS, A. N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURATO, E. **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-qualitativa**. Editora Vozes, 2003.

VIGOTSKY, L. S.(1987). *Imaginación y el arte en la infancia*. México: Ediciones y Distribuciones Hispánicas.1987.

\_\_\_\_\_. *Obras Escogidas III*. Madri: Editora Visor Dis. 2000.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores** (6<sup>a</sup>. ed). (J. Cipolla Netto et al., Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 2003.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Pedagógica**. Edição Comentada. Porto Alegre: Artmed. 2003.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### ROTEIRO DE ENTREVISTA 1

1. Há quanto tempo funciona o projeto?
2. E nesse polo as crianças fazem o que? Quais as atividades? Eles estudam um turno e no outro turno eles vão pro polo?
3. Todos estão na escola?
4. Os pais participam do projeto? De que forma?
5. Como é feita essa divulgação do projeto?
6. Em relação à comunidade aqui do Horto você observou alguma melhora depois da implantação do projeto?
7. Existe algum órgão público ou particular que participa do projeto?
8. Tem psicólogo na equipe?
9. O que representa pra você a tradição dos benditos?
10. Alguém já se interessou em levar essa tradição como profissão?
11. Você sabe como essas crianças aprenderam os benditos?
12. Quantas crianças cantam hoje em dia?
13. Geralmente é em época de romaria?
14. Você tem algo mais a falar sobre a comunidade, o projeto e as crianças?

## **APÊNDICE B**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA 2**

1. Qual a idade de vocês?
2. Onde vocês moram? Com quem?
3. Com quem vocês aprenderam a cantar os benditos?
4. Na família, quantas pessoas cantam os benditos?
5. Vocês ganham para cantar os benditos?
6. Vocês fazem parte do projeto da igreja?
7. Onde vocês cantam os benditos?
8. O que vocês pretendem para o futuro?

## **ANEXOS**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

**(OBSERVAÇÃO: para o caso de pessoas maiores de 18 anos e não incluídas no grupo de vulneráveis)**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **“BENDITO E LOUVADO SEJA”**: **Percorrendo caminhos na construção de subjetividade das crianças cantadoras de benditos do Horto do Juazeiro.**

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

Ao voluntário só caberá a autorização para **conceder entrevista ao pesquisador** e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) **8862-6883** com **ROBERTA MAGNA SILVA SIQUEIRA**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

---

Assinatura do pesquisador responsável

---

Assinatura do Participante



Assinatura Dactiloscópica

Participante da pesquisa

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

(menor de 18 anos , vulneráveis )

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos autorizo a participação do \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_anos na a Pesquisa **“BENDITO E LOUVADO SEJA”**: **Percorrendo caminhos na construção de subjetividade das crianças cantadoras de benditos do Horto do Juazeiro.**

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

Ao responsável legal pelo (a) menor de idade só caberá a autorização para conceder entrevista ao pesquisador e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, revelando os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, se assim o desejarem, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O Responsável legal do menor participante da pesquisa poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) **8862-6883** com **ROBERTA MAGNA SILVA SIQUEIRA**.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

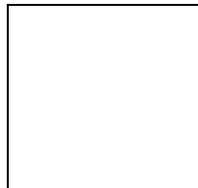
Assinatura do Pesquisador Responsável \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável legal pelo menor \_\_\_\_\_

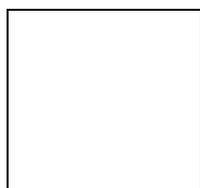
Assinatura do menor de idade \_\_\_\_\_

Assinatura Dactiloscópica

Responsável legal

An empty rectangular box with a thin black border, intended for a fingerprint signature.

Assinatura do participante menor  
de idade

An empty rectangular box with a thin black border, intended for the signature of a minor participant.